



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - PROFCIAMB



Mivânia Oliveira da Silva

TESSITURA DA MEMÓRIA: ABORDAGEM LITERÁRIA DO LUGAR E
IDENTIDADE DO CAMPO EM ANDARAÍ – BA

Feira de Santana – BA
2025



Mivânia Oliveira da Silva


TESSITURA DA MEMÓRIA: ABORDAGEM LITERÁRIA DO LUGAR E IDENTIDADE DO CAMPO EM ANDARAÍ - BAHIA

Dissertação apresentada à
Universidade Estadual de Feira de
Santana, como parte das exigências do
Mestrado Profissional em Rede
Nacional para Ensino das Ciências
Ambientais, para o título de Mestre em
Ensino das Ciências Ambientais.


Área de concentração: Ambiente e
Sociedade.

Aprovada em: 18 de dezembro de 2025.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **JACQUELINE NUNES ARAÚJO**
Data: 20/12/2025 19:09:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Jacqueline Nunes Araújo – Orientadora – (UEFS)

Documento assinado digitalmente
 **DAISY LARAINÉ MORAES DE ASSIS**
Data: 21/12/2025 18:46:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Daisy Laraine Moraes de Assis (UESB)

Documento assinado digitalmente
 **LUCIENE SOUZA SANTOS**
Data: 21/12/2025 09:58:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Luciene Souza Santos (UEFS)

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

S581t

Silva, Mivânia Oliveira da

Tessitura da memória: abordagem literária do lugar e identidade do campo em Andaraí - Bahia / Mivânia Oliveira da Silva. – 2025.

94 f.: il.

Orientadora: Jacqueline Nunes Araújo

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino de Ciências Ambientais, Feira de Santana, 2025.

1.Educação do campo. 2.Memória – Preservação. 3.Repertório linguístico. 4.Preconceito linguístico. 5.Ancestralidade. 6.Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva. I. Araújo, Jacqueline Nunes, orient. II.Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU 376.6(814.22)

*À minha ancestralidade:
minha avó Dalva e meu avô Arquimínio
(in memoriam).
Gratidão eterna pelos seus ensinamentos.*

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos a Deus, mestre dos mestres, que iluminou minha trajetória e me guiou até aqui, proporcionando-me a realizar mais um sonho o qual parecia impossível: a conclusão do mestrado.

À minha família, rede de apoio e parceria, que através de suas orações me fortaleceu para que eu continuasse e chegasse até aqui.

À minha filha, Mariana, sempre tão presente e preocupada em ser o meu suporte quando mais precisei.

Aos colegas de trabalho do Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva e Colégio Municipal de Andaraí, pelo apoio e boas energias.

A todos os funcionários do CETI Edgar Silva, pelo carinho e apoio de sempre. Aos colegas Lucas, Fernando, Hiaquita, Steve e Amarildo, pelo incentivo, apoio e companheirismo.

Aos meus colegas do mestrado – turma VI – em especial à Josana e Eduarda por ter me ajudado tanto a revisar/ajustar as demandas solicitadas pelo Comitê de Ética e Pesquisa. Sem o auxílio de vocês, teria sido mais difícil conseguir a aprovação desse trabalho pelo CEP.

À minha amiga que eu considero como irmã de coração, Juliana Rocha, pelo apoio, incentivo, e exemplo de resiliência. Você NUNCA soltou a minha mão desde o tempo em que estudávamos juntas (da quinta série até a conclusão do magistério). Sempre me apoiando e auxiliando em todos os momentos em que precisei. Foi minha orientadora informal desde a elaboração do pré-projeto. Se hoje estou aqui, é porque você incentivou e me auxiliou a trilhar este caminho, Gratidão, minha amiga!

À minha orientadora, Jacqueline, pelo cuidado na escolha da banca examinadora da qualificação, pelo apoio, companheirismo e palavras de incentivo, dentre elas, há uma frase sua dita na minha apresentação do primeiro seminário: “Você não sabe o que você sabe”. Possa ser que você nem se lembre de ter dito, mas foi o que me deu mais confiança e incentivo a prosseguir nessa jornada. As palavras têm poder, Jacque. Como você sempre fala: “Estamos juntas!” Que Jesus te guarde e te proteja sempre!

Às professoras da banca examinadora da qualificação dessa pesquisa – Dr^a Daisy Laraine e Dr^a Luciene – pelas sugestões, contribuições, cuidado e carinho as quais tiveram na devolutiva da minha qualificação. GRATIDÃO!

Aos docentes do PROFCIAMB, em especial, a professora Maria Cláudia e Joselisa, pelos ensinamentos e contribuições.

À Marjorie Nolasco, por proporcionar às pessoas do interior, principalmente aquelas com o perfil que carrego comigo – alunos advindos da zona rural, vítima de preconceitos sociais, ocupar esse espaço que jamais pudéssemos sonhar em pertencê-lo um dia, que é esta universidade. A senhora, pró, nos faz sentir gente. Por isso, só ELE pode retribuir esse seu gesto de respeito e reconhecimento a esse povo que clama por equidade que até então só havia no papel.

Aos meus alunos, participantes da pesquisa, sem vocês eu jamais alcançaria o título de mestre tampouco poderia exercer a minha profissão que muitos não dão o seu devido valor, mas se fosse para escolher, eu escolheria novamente ser professora, porque eu amo meus alunos, amo essa profissão apesar dos seus desafios. Lembrem que vocês podem chegar aonde quiserem.

Aos idosos, meus sinceros agradecimentos pela contribuição não apenas nessa pesquisa, mas por todos seus ensinamentos e resiliência. Suas histórias de vida estarão registradas não apenas nos cordéis produzidos pelos seus netos e netas, porém na memória de cada um desses jovens que hoje se orgulha e valoriza sua ancestralidade.

RESUMO

As transformações sociais ultrapassam a esfera socioeconômica, incidindo também sobre preconceitos de natureza linguística, social e territorial. Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo elaborar estratégias, por meio da Língua Portuguesa, voltadas à preservação da memória social e do repertório linguístico de estudantes do campo, visando ao fortalecimento da identidade cultural e ao enfrentamento de preconceitos sociais e lexicais. Parte-se do pressuposto de que a linguagem, materializada nas palavras, e nos usos cotidianos, constitui um importante patrimônio simbólico, capaz de valorizar modos de vida, memórias e saberes locais. Assim, o estudo busca evidenciar o papel do léxico como elemento constitutivo da identidade dos sujeitos do campo, reconhecendo-o como instrumento de resistência, pertencimento e afirmação cultural. Para tanto, o estudo dialoga com a literatura que fundamenta a temática investigada, especialmente a partir das contribuições de autores como Marcos Bagno (2006) Antônio Bispo dos Santos (2023) e Ecléa Bosi (2023), entre outros. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa, ancorada na pesquisa participante, centrada no desenvolvimento de atividades pedagógicas planejadas e na construção coletiva do conhecimento com os estudantes. A investigação foi realizada com turmas do Novo Ensino Médio do Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva, majoritariamente compostas por alunos oriundos da zona rural. Organizados em dois grupos, os estudantes realizaram entrevistas com idosos da comunidade e produziram textos literários, como cordéis e poemas, a partir de suas vivências, memórias e relações com os territórios de pertencimento. Foram desenvolvidas oficinas voltadas à leitura, análise e estudo da estrutura e das características do cordel e da poesia, bem como à produção de textos poéticos que abordaram as trajetórias de vida dos entrevistados, o olhar do jovem estudante e suas próprias vivências. Observou-se que a maioria dos entrevistados é composta por mulheres e que os estudantes ampliaram significativamente seu repertório linguístico e expressivo, fortalecendo suas produções a partir da valorização do lugar de origem e do sentimento de pertencimento. Como produto educacional, foi elaborado um e- book que reúne os textos construídos, articulados às características dos lugares retratados por meio da fotografia, evidenciando a memória, a valorização das origens e do território como repertórios importantes para a produção do conhecimento, a construção da identidade local e o fortalecimento dos vínculos com o lugar.

Palavras-chave: preconceito linguístico; ancestralidade; memória; educação do campo.

ABSTRACT

Social transformations extend beyond the socioeconomic sphere, also impacting prejudices of a linguistic, social, and territorial nature. In this context, this research aims to develop strategies, using the Portuguese language, focused on preserving the social memory and linguistic repertoire of rural students, aiming to strengthen cultural identity and confront social and lexical prejudices. It is based on the premise that language, materialized in words and everyday uses, constitutes an important symbolic heritage, capable of valuing ways of life, memories, and local knowledge. Thus, the study seeks to highlight the role of the lexicon as a constitutive element of the identity of rural subjects, recognizing it as an instrument of resistance, belonging and cultural affirmation. To this end, the study dialogues with literature that supports the investigated theme, especially drawing from the contributions of authors such as Marcos Bagno (2006), Antônio Bispo dos Santos (2023), and Ecléa Bosi (2023), among others. Methodologically, a qualitative approach was adopted, anchored in participatory research, centered on the development of planned pedagogical activities and the collective construction of knowledge with students. The investigation was conducted with classes from the *Novo Ensino Médio* (New High School) at the *Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva*, mostly composed of students from rural areas. Organized into two groups, the students conducted interviews with community elders and produced literary texts, such as *cordéis* and poems, based on their experiences, memories, and relationships with their territories of belonging. Workshops were developed for reading, analyzing, and studying the structure and characteristics of *cordel* and poetry, as well as for the production of poetic texts addressing the interviewees' life trajectories, the young students' perspectives, and their own experiences. It was observed that the majority of the interviewees were women and that the students significantly expanded their linguistic and expressive repertoire, strengthening their productions by valuing their place of origin and sense of belonging. As an educational product, an e-book was created, compiling the texts produced and articulating them with the characteristics of the places depicted through photography, highlighting memory, the appreciation of origins, and the territory as important repertoires for knowledge production, the construction of local identity, and the strengthening of ties with the land.

Keywords: linguistic prejudice; ancestry; memory; rural education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa de localização do município de Andaraí	27
Figura 02: Fachada do CETIES, Andaraí – BA	29
Figura 03: Alunos da 3ª Série NEM – 2024	30
Figura 04: Alunos da 3ª Série NEM – 2025	30
Figura 05: Percurso Metodológico	31
Figura 06: Compartilhando Saberes (roda de conversa).....	33
Figura 07: Encontro de gerações	34
Figura 08: Oficina de produção dos cordéis.....	35
Figura 09: Pesquisadora aos oito anos com seus pais.....	40
Figura 10: Caixas representando as categorias das figuras de linguagem.....	41
Figura 11: Alunas depositando a atividade nas caixas.....	42
Figura 12: Convite do Chá Literário.....	51
Figura 13: Árvore com os cordéis e em sua base o presépio.....	53
Figura 14: Estudantes apresentadores do Chá Literário.....	54
Figura 15: A pesquisadora homenageia seus avós através do cordel.....	54
Figura 16: Momento que uma avó encontra o livrinho sobre sua vida.....	55
Figura 17: Assentamento Santa Clara	57
Figura 18: Casa de Vó.....	58
Figura 19: Povoado Nova Vista.....	59
Figura 20: Palma: símbolo de resistência e pertencimento.....	60
Figura 21: Assentamento Itaguaçu VII.....	60
Figura 22: Árvore antiga que carrega histórias.....	62
Figura 23: Assentamento Rio Utinga	63
Figura 24: O lugar – Recordações da infância.....	64
Figura 25: Mapa de localização dos alunos da turma.....	69
Figura 26: Casa em ruínas que inspirou a turma na construção da maquete.....	73
Figura 27: Construção da maquete (casa de taipa).....	74
Figura 28: Projeto para o EPA, intitulado “Meu lugar, meu orgulho”	74
Figura 29: Visitação da comunidade rural à exposição.....	75
Figura 30: Resultado final do EPA.....	76
Figura 31: FECIBA, 2024.....	77
Figura 32: FECIBA, 2025.....	77
Figura 33: Encontro Estudantil-Etapa Estadual/2025.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Etapa das oficinas dos cordéis.....	36
Quadro 2: Etapa das oficinas dos poemas.....	37
Quadro 3: Ficha das questões norteadoras.....	40
Quadro 4: Síntese analítica de variação linguística nas entrevistas por meio da pesquisa ação participante.....	47
Quadro 5: Síntese analítica dos ODS nas entrevistas por meio da pesquisa ação participante.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CETIES	Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NTE	Núcleo Territorial de Educação
TALE	Termo de Assentimento Esclarecido
TCLE	Termos de Consentimento Livre e Esclarecido
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
EPA	Educação Patrimonial e Artística
TAL	Tempos de Arte Literária
FECIBA	Feira de Ciências, Empreendedorismo Social e Inovação da Bahia
NEM	Novo Ensino Médio
SD	Sequência Didática
GT	Grupo de Trabalho
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SEC	Secretaria da Educação do Estado da Bahia
LP	Língua Portuguesa
SNCT	Semana Nacional de Ciência e Tecnologia
SEMIC	Seminário de Iniciação Científica
BNCC	Base Nacional Comum Curricular

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	14
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1	PRECONCEITO LINGUÍSTICO E SOCIAL POR TRÁS DO DISCURSO NORMATIVO.....	17
2.2	ENTRE IDENTIDADE E RESISTÊNCIA: A LITERATURA	20
2.3	LEMBRANÇA E MEMÓRIA: RAÍZES DA ANCESTRALIDADE.....	21
3.	PERCURSO METODOLÓGICO.....	25
3.1	CAMPO DA PESQUISA	26
3.1.1	O lócus da pesquisa: Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva	28
3.1.2	Quem são os participantes da pesquisa?	36
3.2	ETAPAS DA PESQUISA.....	31
3.2.1	Estão rolando os dados.....	36
4.	RESULTADOS E DISCUSSÕES	38
4.1	VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS QUE MOTIVAM A VALORIZAÇÃO DE OUTRAS TRAJETÓRIAS PEDAGÓGICAS.....	38
4.1.1	Entre escuta e diálogos: partilhar experiências.....	38
4.1.2	Trilhando caminho da pesquisa.....	40
4.1.3	Uma pausa para o estudo contextualizado da língua portuguesa.....	41
4.1.4	Entre prosas e gerações: a língua que não envelhece	46
4.1.5	Da prosa ao chá: memórias que viram versos.....	51
4.2	DO CAMPO À CIDADE: CONECTANDO SABERES E VALORIZANDO O LUGAR.....	56
4.2.1	Revisitando a memória e valorização do lugar....	56
4.2.2	Preconceito linguístico: silenciado e praticado por quem deveria repugná-lo.....	64
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78

REFERÊNCIAS

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista

APÊNDICE B – Lista com as músicas do Chá Literário

APÊNDICE C – Roteiro do Chá Literário

APÊNDICE D – Fornada de lembranças

APÊNDICE E – Um pedaço saudoso da minha identidade

APÊNDICE F – As raízes do legado

APÊNDICE G – Sussuros do meu lugar

APÊNDICE H – Naquele tempo

1. INTRODUÇÃO

A sociedade através dos tempos se organizou utilizando a comunicação como forma de interação social. As diversas culturas se apropriaram da língua em que cada povo pode expressar as várias linguagens como forma de comunicação e expressão. A língua portuguesa, por exemplo, encontra-se em constante processo de transformação histórica e cultural, tendo se expandido para diversos territórios colonizados por Portugal a partir do século XV, especialmente nos continentes africano e latino-americano. Esse movimento de expansão não se deu de forma homogênea, mas foi marcado por adaptações locais, apropriações culturais e pela incorporação de saberes, práticas e experiências dos diferentes povos que passaram a utilizá-la em seus contextos cotidianos.

Nesse sentido, a língua pode ser compreendida como um suporte fundamental da memória social, na medida em que incorpora e transmite marcas do passado, inscritas nas vivências coletivas, nos territórios e nas práticas sociais. No que se refere à memória, adota-se, neste estudo, uma concepção que a entende como um conjunto de marcas históricas que se manifestam tanto nas lembranças compartilhadas quanto na valorização simbólica e material dos espaços de vivências. No processo de construção da identidade do indivíduo no meio social, é recorrente a imposição de comportamentos e valores hegemônicos que tendem a silenciar ou deslegitimar suas origens. Tal pressão pode levá-lo, muitas vezes, a negar as suas raízes, motivado pelo medo de julgamentos e rejeições. Neste contexto, observou-se que os estudantes do Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva, oriundos do campo, apresentavam resistência à participação nos projetos escolares e mantinham-se socialmente isolados em sala de aula, por não se reconhecerem como pertencentes àquele espaço educativo.

Além disso, nos momentos de interação entre família e escola – especialmente nas reuniões de pais/e ou responsáveis e nas confraternizações de encerramento do ano letivo, como a conclusão do ensino médio – observava-se a ausência recorrente dos familiares desses estudantes. Tal ausência ocorria, em muitos casos, porque os convites enviados pela escola não eram entregues, visto que filhos e netos sentiam vergonha de suas próprias famílias. Essa vergonha estava relacionada ao fato de que a maioria desses familiares é composta por pessoas analfabetas, pertencentes a camadas sociais populares e, historicamente, marcadas por preconceitos linguísticos

e sociais produzidos e reproduzidos pela sociedade. Diante dessa problemática, e a partir de minha atuação como professora de Língua Portuguesa, emergiu a necessidade de desenvolver esta pesquisa, orientada pela seguinte questão: **de que maneira o ensino de Língua Portuguesa pode contribuir para a valorização da linguagem, da memória e da identidade local, no enfrentamento dos preconceitos linguísticos, sociais e culturais vivenciados por alunos e alunas do campo no Município de Andaraí (BA)?**

Com o propósito de conferir maior consistência e sentido à pesquisa, definiu-se como objetivo geral: elaborar estratégias, por meio da Língua Portuguesa, voltadas à preservação da memória social e do repertório linguístico de estudantes do campo, visando ao fortalecimento da identidade cultural e ao enfrentamento de preconceitos sociais e lexicais. A partir desse objetivo, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: valorizar o léxico e as histórias de vida de seus ancestrais; conhecer a origem do lugar e contribuir para a preservação desse espaço, combatendo os preconceitos linguísticos e sociais associados ao campo; e analisar os dados produzidos em rodas de conversa e oficinas pedagógicas, utilizando-os como subsídios para a elaboração de um e-book pedagógico destinado à comunidade escolar.

Vale ressaltar que este trabalho está organizado em quatro seções: A primeira, a **Introdução**, apresenta o tema da pesquisa, a problemática, a questão norteadora, os objetivos geral e específicos, bem como a justificativa e a finalidade do estudo. A segunda seção dedica-se à **fundamentação teórica**, na qual são discutidos os referenciais epistemológicos que sustentam o desenvolvimento da pesquisa. A terceira seção corresponde ao **percurso metodológico**, apresentando um fluxograma que explicita a organização do estudo a partir de dois grupos de pesquisa: o Grupo 1, composto por estudantes que produziram cordéis baseados nas narrativas orais da história de vida de seus avós; e o Grupo 2, formado por estudantes da zona rural que elaboraram poemas sobre a origem de seu lugar, evidenciando o sentimento de pertencimento por meio dos relatos de moradores mais antigos de suas comunidades. Por fim, a quarta seção apresenta os **resultados das oficinas pedagógicas**, estruturadas em sequências didáticas, seguidos da análise e discussão dos dados produzidos.

O produto educacional consiste em um e-book elaborado a partir do material produzido ao longo da pesquisa, articulado às características dos lugares e às

respectivas fotografias. A obra evidencia o lugar da memória (a memória do lugar) e da valorização das origens como repertórios impulsionadores da produção de conhecimentos, refletindo processos de pertencimento e de construção da identidade local.

Dessa forma, entende-se que a memória e a literatura desempenham papel fundamental na preservação da identidade rural em Andaraí, pois permitem registrar e transmitir saberes, práticas, narrativas e modos de vida que dão sentido à coletividade. Segundo Nego Bispo (2023, p. 90), “Nossa geração avó dizia que a gente planta o que a gente quer, o que a gente precisa e o que a gente gosta, e a terra dá o que ela pode e o que a gente merece.” Enquanto a memória guarda a experiência vivida e fortalece os vínculos comunitários, a literatura converte essas vivências em linguagem simbólica, possibilitando que o rural dialogue com outras realidades sem perder sua singularidade. Sem essa tessitura, corre-se o risco do apagamento cultural, da ruptura com as raízes e da homogeneização dos modos de existir, o que fragiliza a autoestima das novas gerações e contribui para o enfraquecimento da identidade local.

Este aspecto torna-se especialmente relevante por promover a preservação e o respeito às diferenças culturais e regionais, ao reconhecer a importância da identidade local e da cultura popular dos estudantes do Ensino Médio do município de Andaraí - BA. Nessa perspectiva, o estudo busca contribuir para a inclusão social e para o enfrentamento do preconceito linguístico e da exclusão social, a partir da ressignificação dos lugares vivenciados pelo público da pesquisa. Desse modo, o trabalho justifica-se por compreender a valorização e das diferenças linguísticas, sociais, culturais e regionais, como um elemento fundamental do processo educativo, reconhecendo que cada lugar é constituído por identidades, memórias e particularidades próprias que precisam ser respeitadas e legitimadas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A língua é um campo de batalha onde se trava uma guerra social silenciosa. Dizer que alguém 'fala errado' é, muitas vezes, uma forma de dizer que ele 'vive errado'. (Carlos Alberto Faraco)

A população brasileira, formada pela miscigenação entre europeus, africanos e povos originários das Américas, apresenta uma rica matriz cultural e linguística.

Logo, é mito dizer que no Brasil há uma unidade linguística da língua portuguesa. Segundo Marcos Bagno (2000), existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais.

Assim, "aquilo que a gente chama, por comodidade, de português não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de "coisas" aparentadas entre si, mas com algumas diferenças. Essas "coisas" são chamadas variedades." (Bagno, 2000, p. 19). De posse desses preceitos, a linguagem culta e formal segue um padrão normativo, e qualquer forma de comunicação que se afaste desse padrão é considerada inadequada.

2.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E SOCIAL POR TRÁS DO DISCURSO NORMATIVO

Ao conviver em sociedade, aprendemos a falar e consequentemente utilizar as expressões típicas de um determinado lugar. A linguagem representa a faculdade cognitiva exclusiva da espécie humana. O fato de as línguas passarem por mudanças no tempo é algo que pode ser percebido de mais de uma forma. Uma delas é o contato com pessoas de outras faixas etárias, a exemplo dos "mais velhos". Nesse sentido, quanto maior a diferença de idade, maior a probabilidade de encontrarmos diferenças na forma de falar entre as pessoas.

A comunicação é a maneira como as pessoas interagem, trocam experiências, dividem opiniões, ideias, sentimentos, passam informações. Sem ela, o mundo seria totalmente isolado. Ela pode ser feita de várias maneiras, como gestos, escrita, desenhos, fala, movimentos.

Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova

incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renova quando vier a próxima cheia. (BAGNO, 1999, p.10)

Neste sentido, de forma metafórica, o autor faz uma analogia entre a língua portuguesa e sua gramática normativa, onde a língua (rio caudaloso e longo) está em constante mudança, acompanhando os seus falantes com sua diversidade; já a gramática normativa (uma água parada) não acompanha essa evolução.

Eis uma das justificativas para os alunos¹ que chegam à escola utilizando a sua linguagem materna, dizendo “*chicrete*”, “*bicicreta*”, por exemplo, mas que passam a sofrer preconceitos, piadas de mau gosto de colegas e até de professores que deviam apoiá-lo, contudo estão contribuindo para que esse indivíduo perca o gosto pela escola, levando-o ao fracasso escolar como o abandono à mesma. Ainda, segundo Bagno: “Quem diz broco em lugar de bloco não é “burro”, não fala “errado” nem é “engraçado” (BAGNO, 2000, p. 46), mas está apenas acompanhando a natural inclinação *rotacizante* (tendência natural da língua portuguesa em transformar em R o L dos encontros consonantais).

Desse modo, percebe-se que a língua portuguesa está sempre em constante mudança. Daí urge a necessidade do professor acompanhar essas transformações combatendo o preconceito linguístico. Conforme Freire (1996), o ato de educar envolve diálogo, linguagem e comunicação como meios fundamentais para o desenvolvimento da consciência crítica e da autonomia dos sujeitos. Assim, o educador deve respeitar a linguagem e a cultura do educando, pois é por meio delas que ocorre a construção da identidade e da consciência de si no mundo. Nesse viés, de acordo com Marcuschi (2001, p. 42), “A variação linguística é constitutiva da língua e reflete a diversidade social, cultural e histórica dos falantes. A escola precisa reconhecer e valorizar essa diversidade, e não reprimi-la.” O autor também enfatiza que a fala e a escrita devem ser complementares. Como pode-se observar:

A fala e a escrita não se opõem como certo e errado, como superior e inferior, mas se complementam e se interpenetram. Ambas são formas legítimas de uso da linguagem, cada uma adequada a contextos e finalidades específicas. (MARCUSCHI, 2001, p. 25)

Outra afirmação preconceituosa é a seguinte: “Português é muito difícil”, este fato se dá devido às regras gramaticais baseadas nas normas de Portugal, como se

¹ Para facilitar a leitura e considerando suas inúmeras menções ao longo do texto, onde se lê alunos, entende-se alunos e alunas.

verifica na afirmação de Bagno:

[...] as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que “português é uma língua difícil”: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nosso ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem. (BAGNO, 2000, p. 35).

Isso quer dizer que o brasileiro utiliza as regras básicas com naturalidade do funcionamento da língua falada pelas classes menos e mais favorecidas do país, já que até as pessoas que se dizem muito cultas, em ocasiões informais elas utilizam a língua coloquial sem preocupação das regras da gramática normativa. Segundo Bagno:

Está provado e comprovado que uma criança entre os 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de sua língua! O que ela não conhece são sutilezas, sofisticções e irregularidades no uso dessas regras, coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar. Mas nenhuma criança brasileira dessa idade vai dizer, por exemplo: “Uma meninos chegou aqui amanhã”. (BAGNO, 2007. p. 35).

No entanto, vale salientar que escola precisa trabalhar a norma culta, pois o aluno dependerá dela em várias situações da sua vida como também a vasta diversidade linguística sem menosprezá-las. Como, por exemplo, o trabalho com literatura de cordel, Patrimônio Cultural e Imaterial do país, tão bem representada nos textos de Patativa do Assaré, dentre outros escritores consagrados da nossa literatura. Nota-se assim, na afirmação a seguir de Bagno:

é preciso também que, dentro da escola, haja espaço para o máximo possível de variedades linguísticas: urbanas, rurais, cultas, não-cultas, faladas, escritas, antigas, modernas... Para que as pessoas se conscientizem de que a língua não é um bloco compacto, homogêneo, parado no tempo e no espaço, mas sim um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo. (BAGNO, 2000. p.173).

Nesse sentido, vale ressaltar a riqueza dos poemas de Antônio Gonçalves da Silva, vulgo Patativa do Assaré, autodidata reconhecido internacionalmente por meio da literatura de cordel na qual expressava seu ponto de vista através da arte. Dentre eles destaca-se o excerto a seguir:

[...] Não tenho sabença, pois nunca estudei
Apenas eu sei o meu nome assiná
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre
E o fio do pobre não pode estudá. [...]
(ASSARÉ, [s. d.]).

A importância do registro dessa linguagem utilizada pelos antepassados, para as futuras gerações, contribui para o fortalecimento do repertório cultural e apropriação da mesma. A linguagem popular, aquela das vivências culturais muitas delas informais, por vezes ainda é estereotipada em nossa sociedade. A literatura de cordel, por exemplo, faz uso de dialetos próprios de uma região inserida na linguagem popular, contribuindo assim, para o enriquecimento do repertório cultural de um povo.

2.2 ENTRE IDENTIDADE E RESISTÊNCIA: A LITERATURA DE CORDEL

O cordel é a voz do povo transformada em poesia, um jornal em versos, um romance em folhetos. (Arievaldo Viana)

A literatura de cordel surgiu no século XVI através dos relatos orais pelos trovadores e tornou-se comum no século XVIII, conhecida pelos portugueses como “literatura de cego”, pois em 1789 foi criada uma lei por Dom João V dando permissão à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociar esse tipo de publicação.

No Brasil, essa literatura teve como introdutor Leandro Gomes de Barros, “o príncipe dos poetas” definido assim por Carlos Drummond de Andrade (1976). Esse gênero textual popularizou-se na região Nordeste e seus cantadores são “repórteres” do povo que improvisam versos cantados em vilarejos e cidades pequenas do sertão.

Com características peculiares, o cordel é versátil, podendo trazer críticas, enaltecer pessoas e cenas da sociedade. Câmara Cascudo (2003), estudioso da cultura popular, afirma que o cordel apresenta a essência do folclore da língua e da história do povo, características perceptíveis nos versos abaixo de Patativa do Assaré:

Eu canto o cabôco com suas cassada
Nas noite assombrada que tudo apavora
Por dentro das mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.
(ASSARÉ, [s. d.]).

Por ser um gênero textual popular, a literatura de cordel constitui-se como um instrumento de expressão cultural que concede vez e voz às classes historicamente marginalizadas, em especial àquelas privadas do acesso à escolarização formal. Câmara Cascudo (2003, p. 9) também diz que “ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação popular”. Assim, o autor evidencia a existência de dois caminhos distintos na produção do conhecimento e da cultura. De um lado, encontra-se a literatura formal

ensinada e legitimada pelas escolas e universidades, denominada por ele de pensamento intelectual letrado. De outro, situa-se a cultura popular, que se manifesta por meio da oralidade, dos cordéis, dos causos, das tradições e dos modos de falar e viver do povo, constituindo aquilo que o autor identifica como memória e a imaginação popular. Embora historicamente desvalorizada pela elite letrada, essa forma de produção cultural revela-se profundamente potente, pois sustenta as raízes da cultura popular brasileira, configurando-se como um patrimônio simbólico, resistente e fundamental para a compreensão da identidade cultural do país.

2.3 LEMBRANÇA E MEMÓRIA: RAÍZES DA ANCESTRALIDADE

Lembranças são tranças
que a gente vai tecendo
no infinito dos anos
presas aos longos cabelos
do tempo .
(Ângela Vilma)

Nesta pesquisa de mestrado, as lembranças e a memória dos sujeitos envolvidos emergem de forma particularmente intensa, revelando-se como elementos centrais do processo investigativo. Conforme assinala Bosi (2023), o registrar da voz e – por meio dela, através dela, da vida e do pensamento dos sujeitos – constitui um gesto fundamental de preservação da memória. Trata-se de um registro que ultrapassa o âmbito individual, alcançando uma memória pessoal que se entrelaça, indissociavelmente, à memória social, familiar e grupal. Nessa perspectiva, toma-se como principal base teórica as contribuições de Ecléa Bosi, especialmente suas reflexões sobre a memória dos “velhos”, compreendida como um conjunto de lembranças do passado que afloram no presente, sendo constantemente ressignificadas à luz das experiências atuais. Assim, a memória é entendida não como um simples retorno ao que foi vivido, mas como um processo dinâmico, no qual passado e presente se articulam na construção dos sentidos da ancestralidade.

No decorrer de suas abordagens sobre a memória, a autora reafirma que “por muito que se deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador” (BOSI, 2023, p. 411). Dessa forma, um momento histórico, vivenciado por um grupo poderá ter várias tessituras e depende da subjetividade dos sujeitos. Nesse sentido, de acordo com Andrade (2005, p. 2) as memórias são registros importantes vividos os quais partem das lembranças que eternizam lugares como referências e cenários para

uma visita contínua ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções.

Para Fentress e Wickham (1994), as memórias pessoais são indissolúveis e fazem parte de cada homem. Desse modo, a memória individual é a lembrança que cada sujeito carrega consigo: experiências pessoais, vivências íntimas, recordações ligadas à sua trajetória. Portanto, recorda-se conhecimento, mas também sensações. No entanto, Halbwachs (2006, p. 39) afirma que lembrar é um ato social, ou seja, a memória de um indivíduo depende do quadro social, dos relacionamentos estabelecidos com sua família, igreja, escola, classe social e amigos. Nesse sentido, Ricouer (2007, p. 157), afirma que “da memória compartilhada passa-se gradativamente à memória coletiva e suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição; foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória.”

Jan Assmann (2011) amplia os estudos de Maurice Halbwachs ao distinguir diferentes formas de memória humana, em especial a memória comunicativa e a memória cultural. A primeira está ancorada nas lembranças do cotidiano, transmitidas principalmente pela oralidade, e possui um alcance temporal limitado, restrito a poucas gerações. Já a memória cultural, caracteriza-se por sua maior durabilidade e estabilidade, pois se materializa em símbolos, rituais, práticas e registros que ultrapassam o tempo da experiência vivida. Para Assmann, a memória não se reduz a um simples mecanismo de conservação de informações; trata-se, antes, de uma força constitutiva da identidade cultural, capaz de orientar os grupos sociais na interpretação do passado e de possibilitar respostas criativas aos desafios cotidianos, bem como às transformações históricas, sociais e políticas que atravessam o tempo e reconfiguram as experiências coletivas. Neste sentido, elementos como a casa de taipa – símbolo de pertencimento e resistência dos moradores do campo –, o terno de reis e os presépios que expressam a religiosidade popular, configuram-se como manifestações da memória cultural. Tais práticas e referências simbólicas, ainda preservadas – embora de forma cada vez mais reduzida – no município de Andaraí-BA, revelam modos de vida, valores e saberes que sustentam a identidade coletiva local e evidenciam a permanência da memória como eixo estruturante da cultura e do pertencimento comunitário.

Em se tratando dos idosos, Bosi reitera que as lembranças dos idosos, a exemplo, estão desenhadas em um plano de fundo mais definido do que a dos jovens

ou adultos, uma vez que as pessoas mais velhas já vivenciaram uma sociedade com características conhecidas. Além disso, viveram os quadros de referência cultural e familiar.

Nesse sentido, a autora enfatiza que a lembrança de um fato antigo, não é a mesma imagem de quando fomos crianças porque não somos mais os mesmos. Segundo a autora, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Fazendo um recorte a um grupo etário social de pessoas idosas, o ato de envelhecer vem carregado de casos, lembranças e nostalgia.

Envelhecer é uma experiência que, ao mesmo tempo, comporta diversos significados, podendo revelar percepções positivas ou negativas do processo (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008, p. 59-79). Diante do envelhecimento crescente da população e ao mesmo tempo das peculiaridades que circundam esse envelhecer é que se valorize saberes e estratégias de apoio ao idoso, à família, que exerce a função de cuidado para que não se sinta um fardo para seus familiares.

Para Bezerra e Lebedeff (2014), o tempo passado, presente na memória dos idosos é pouco acessado na prática, uma vez que colocado à margem da sociedade, o idoso sofre uma desvalorização da sua história e da própria identidade, associado a uma série de estigmas e preconceitos. Nesse sentido a própria linguagem de tempos passados se revela na comunicação desses autores que ainda reiteram o ato de compartilhar as memórias anestesiadas pelo tempo, é benéfico e positivo para o idoso, pois além de compreender as identidades nelas submersas implica uma humanização do idoso no presente (sentir-se valorizado, acolhido). Assim, segundo Sanches-Justos e Vasconcelos (2010, p. 168), trabalhar com memórias de idosos, além de valorizá-lo como detentor de experiência e conhecimento, proporciona “impulsionar a percepção de si e da própria história como um percurso que não se finda aqui e agora, mas que continua no futuro”.

No entanto, é válido frisar que a relevância do estilo de vida adotado, uma vez que poderá estar relacionado a uma velhice saudável a fim de alcançar um envelhecimento bem-sucedido, com mais qualidade de vida, diminuindo a negatividade da velhice (LIMA; REIS, 2020). Segundo as autoras supracitadas, esse viver fornece aos idosos um conjunto de experiências significativas que se relacionam com as experiências de convívio com os demais na teia social e relacional de seus viveres individuais e coletivos (p. 16).

Na década de 60, algumas mudanças tidas como “virada linguística” envolveram muitos intelectuais que segundo suas correntes historiográficas, eram necessárias transformações para explicar os acontecimentos presentes (SILVA, 2009). A cultura é, portanto, uma gama de significados do cotidiano como habitar, cultivar, proteger, que no decorrer dos anos foi ganhando amplitude para o ramo das ciências humanas e sociais, apresentado por Silva (2009) como um quadro de conjuntos de significados no campo interdisciplinar.

Um legado cultural que transmite experiências e conhecimentos aos mais jovens – uma ancestralidade perpetuada entre gerações. Nessa perspectiva, de acordo com Bosi:

Quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis. Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. (BOSI, 2023)

Logo, “conviver e trocar experiências com os mais velhos e (...) valorizar as gerações passadas estreitando os laços e sentimentos de pertencimento (...) ligam gerações novas e antigas de um mesmo lugar” (BRASIL, 2015, p. 24). Uma ancestralidade latente.

Portanto, trabalhar a memória cultural nas práticas escolares não apenas resgata histórias invisibilizadas, mas também fortalece a identidade local, promovendo um ensino mais afetivo e contextualizado.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, a temática da linguagem popular como reflexo das memórias e vivências culturais será direcionada a partir da base da Pesquisa com abordagem Qualitativa e Colaborativa. Para Merriam (1998), a Pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos na perspectiva da investigação crítica ou interpretativa e estuda as relações humanas nos mais diversos ambientes, assim como a complexidade de um determinado fenômeno, a fim de decodificar e traduzir os sentidos dos fatos e acontecimentos. Inserido na pesquisa qualitativa os estudos Culturais procuraram combinar os métodos qualitativos característicos das Humanidades tradicionais com um ceticismo estético (que não precisa significar relativismo) característico das ciências sociais (SILVA, 2009 p.3). Para Cardoso:

É imprescindível que o pesquisador empirista, especialmente da área da Sociolinguística, busque dosar suas hipóteses e preocupações (...) em relação aos sujeitos de pesquisa, em relação à ética, em relação ao desenvolvimento de pesquisas com resultados práticos para as comunidades e/ou diretamente para os seus colaboradores. (CARDOSO, 2013, p. 155)

Segundo Denzin & Lincoln: “a escolha das práticas da pesquisa depende das perguntas que são feitas, e as perguntas dependem de seu contexto” (DENZIN, LINCOLN, 2006, p. 18)). Trata-se de um trabalho que enfatiza a história de vida das colaboradoras e apresenta traços muito sutis de entrevista como gravação de conversas não estruturadas previamente, sem preocupação com o tempo da pesquisadora, mas sim com o da pesquisada e de acordo com a disponibilidade e interesse desta, mantendo certa proximidade entre as interlocutoras (HEYL, 2007).

Este estudo, por envolver seres humanos, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob o CAAE: 89150724.2.0000.0053, O CEP é responsável por revisar, aprovar e monitorar estudos científicos envolvendo seres humanos, garantindo que a pesquisa seja conduzida de acordo com padrões éticos e legais, priorizando a proteção dos participantes envolvidos.

Os resultados da pesquisa foram divulgados para toda a comunidade escolar conforme capítulo II, art.3º, inciso IV, da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

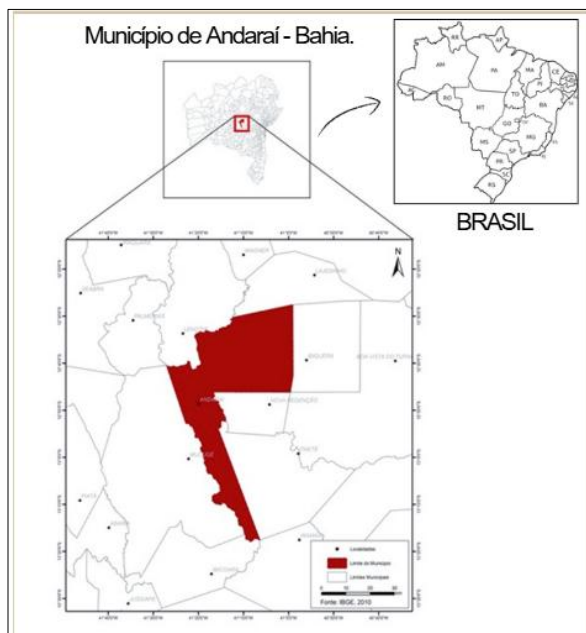
Para todos que aceitaram participar do estudo, foi solicitado o Termo de

Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento que esclarece sobre os objetivos do estudo e a opção do participante de aceitar ou não colaborar com a pesquisa. Esses Termos foram obtidos pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana). Para o (a) participante que não sabia ler, a leitura do TCLE foi feita por alguém de confiança do informante. Após a leitura, foi perguntado se o (a) informante concordava ou não em participar da pesquisa.

3.1 CAMPO DA PESQUISA

O município de Andaraí (figura 01) está situado na zona fisiográfica da Chapada Diamantina, na região centro-sul do Estado Bahia. Ele faz fronteira com os municípios de Lajedinho, Ibiquera, Lençóis, Ibicoara, Itaetê, Nova Redenção e Mucugê totalizando uma área territorial de 1.590,316 km², situado a 414 km da capital baiana, Salvador (IBGE, 2022).

Figura 01: Mapa de localização do município de Andaraí



Fonte: ROCHA, J. 2024

Andiray (depois transformado no topônimo Andaraí) significa *andira* (morcego) e *y* (rio) = rio de morcegos, historicamente o município de Andaraí foi habitado por índios Cariris e os Maracás, a presença de pinturas rupestres na região indica que a área foi ocupada por tribos indígenas (IPHAN, 2014), prova tangível da ocupação

ancestral e da rica herança cultural dessas tribos indígenas. Essas pinturas não apenas oferecem compreensão sobre a vida cotidiana, mas também destacam a importância histórica.

O descobrimento de suas terras ocorreu entre 1845 e 1846 e a colonização aconteceu devido ao ciclo dos minérios, o garimpo de diamantes impulsionou o desenvolvimento de toda a região conhecida como 'Lavras Diamantinas'(IPHAN, 2014). O garimpo faz parte da história da região sendo uma atividade que ocorreu de forma intensa, no entanto, nos dias atuais não é uma atividade predominante, pois a exploração de diamantes foi significativamente reduzida e regulamentada. O legado dessa atividade está presente na arquitetura garimpeira e nas narrativas históricas da região. Atualmente o turismo representa uma atividade econômica de destaque, diante da diversidade ambiental, histórica e cultural, atraindo visitantes de todas as partes do mundo.

3.1.1. O Lócus da Pesquisa: Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva

O estudo em questão foi desenvolvido no Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva (CETIES), pertencente ao Núcleo Territorial de Educação (NTE) 03, Território de Identidade Chapada Diamantina. A nova unidade escolar substituiu o antigo Colégio Estadual Edgar Silva localizado na Praça do Sossego – Centro entre abril de 2002 a abril de 2023, além do anexo situado no povoado de Nova Vista e reinaugurado no dia 30 de abril de 2023, localizado na Rua do Campo, Bairro Alto do Ibirapitanga, s/n, Andaraí – Ba (Figura 02). A instituição integra o projeto inovador de expansão da Educação de Tempo Integral no Estado da Bahia, fortalecendo uma política pública que reposiciona a escola como espaço de formação integral, cidadã e humanizadora.

A estrutura física é ampla e moderna, composta por 12 salas de aula, teatro, piscina, quadra esportiva, campo de futebol society, restaurante estudantil, laboratório de Ciências, laboratório de Informática, biblioteca, sala de Atendimento Educacional (AEE), entre outros ambientes. Esses espaços possibilitam uma rica variedade de oficinas e atividades, contemplando arte, esporte e cultura, fortalecendo o protagonismo juvenil e a aprendizagem significativa. Por ser uma única instituição que oferta o Ensino Médio na sede do município de Andaraí, o colégio atende uma comunidade diversa, oriunda de distintas localidades rurais e urbanas. Quanto aos

estudantes, apresentam múltiplos perfis socioeconômicos.

No entanto, de acordo com os questionários recentes, observa-se que a maioria provém de famílias de baixa renda, cujos responsáveis possuem, majoritariamente, escolaridade limitada ao ensino fundamental.

Figura 02: Fachada do CETIES - Andaraí-BA



Fonte: NASCIMENTO, 2025

O Colégio funciona em três turnos (matutino, vespertino e noturno) onde são contempladas no ano de 2025, dezesseis turmas: nove do Ensino Médio em Tempo Integral, uma de Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (também em tempo integral), duas do Ensino Médio Regular, duas turmas de Regularização do Fluxo e duas da Educação de Jovens e Adultos – EJA (uma da Etapa VI e a outra da Etapa VII, ambas no noturno), sendo atendido um total de 499 alunos.

Em relação ao desempenho dos estudantes, embora tenham ocorrido avanços expressivos nos últimos anos, ainda persistem desafios. Em 2023, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) alcançou 3,7, enquanto a meta projetada para 2025 é 4,6. Este cenário reforça o compromisso da equipe escolar com a elevação dos indicadores de aprendizagem, a equidade bem como o fortalecimento de práticas pedagógicas que coloquem o estudante como protagonista do processo educativo.

3.1.2 Quem são os participantes da pesquisa?

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva,

com duas turmas de 3ª série do Novo Ensino Médio formadas em sua grande maioria por alunos da zona rural de diversas localidades. As 2 turmas são compostas por 40 estudantes cada, os quais todos foram convidados a participar dessa pesquisa, porém 54 se identificaram e quiseram participar.

A escolha das turmas se deu pelo perfil destas bem como da disponibilidade para participação nas oficinas que aconteceram no turno oposto aos seus estudos em sala de aula. Por isso foram realizadas no vespertino uma vez por semana, dividida em 2 grupos na biblioteca do referido colégio, já que esta tem espaço e recursos pedagógicos suficientes. Grupo 1 – composto por 33 estudantes com idade entre 17 e 18 anos, que através das narrativas da história de vida dos seus avós produziram os cordéis abordando esse olhar ancestral do jovem poeta em ritmo, rima, versos e poesia (3ª NEM – 2024). A imagem a seguir mostra essa turma no dia da sua conclusão do Ensino Médio (figura 03).

Figura 03: Alunos da 3ª Série NEM – 2024



Fonte: NASCIMENTO, 2024

Já o grupo 2, também com idade de 17 a 18 anos é formado por 21 estudantes observadores do seu lugar, representado por fotografias e poemas que abordam esse pertencimento (turma 3ª NEM – 2025) os quais estão representados na imagem abaixo (figura 04).

Figura 04: Alunos da 3ª Série NEM – 2025



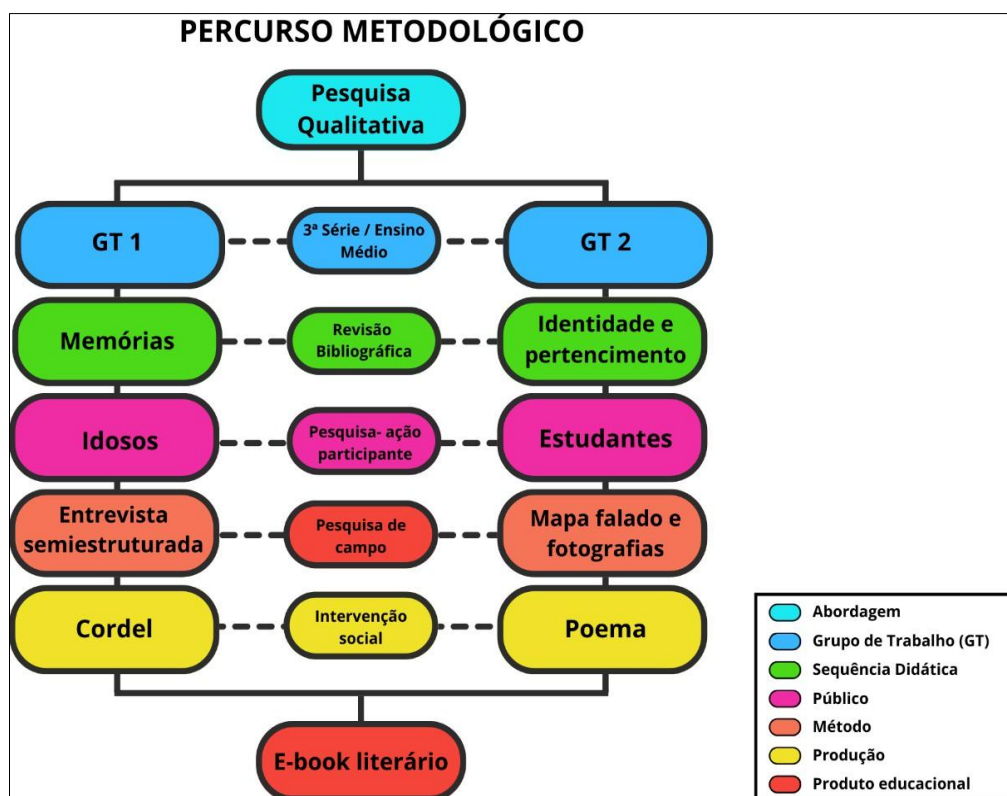
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2025

Como são alunos que já estudaram poemas e cordéis em anos anteriores, justifica-se a opção de suas escolhas pelos 2 gêneros textuais diferentes. Assim, eles estão distribuídos em suas localidades: Sede do município; Praião, Salubrinho e Mucambo; Assentamento Itaguaçu VII com seus lotes e setores – Setor São Jorge, Rio Utinga, Santa Rosa e Iracema. A maior parte dos alunos dessas turmas é moradora desses setores. Há também estudantes residentes no Povoado de Nova Vista, Assentamentos do Bate-Tambor, Lagoa da Piranha e Santa Luzia de Gamelas.

3. 2 ETAPAS DA PESQUISA

O fluxograma abaixo apresenta o grupo de trabalho 1 representado pela sigla (GT 1) ocorrido no ano de 2024; e o grupo de trabalho 2 (GT 2) que aconteceu este ano – 2025, com suas respectivas etapas metodológicas as quais se desenvolveram por meio de oficinas (figura 05):

Figura 05: Percurso Metodológico



Fonte: elaboração própria, 2024.

Antes de iniciar a primeira oficina, a pesquisadora apresentou o tema à turma no intuito de sensibilizá-los sobre a relevância social dessa pesquisa. Para iniciar a oficina 1, com o grupo de participantes formado, a pesquisadora iniciou explicando acerca da Literatura de Cordel, sua importância bem como sua riqueza cultural. em seguida, fez a leitura declamada de um cordel; Na segunda oficina, a pesquisadora distribuiu cópias de cordéis de diversos autores aos estudantes para eles pudessem fazer a leitura com o objetivo de familiarizar com o gênero a ser estudado. Nesta também, os alunos juntamente com a pesquisadora elaboraram o questões norteadoras para a entrevista.

A pesquisadora achou interessante que todos pudessem participar desse momento, onde a turma com seu auxílio, elaborou questões norteadoras desse encontro de gerações que achavam interessante/enriquecedoras acerca da trajetória de vida do idoso para que os jovens tivessem uma ideia do que essas pessoas passaram durante sua infância, juventude, já que eles alegavam não conhecer nada a respeito da vida dos seus ancestrais.

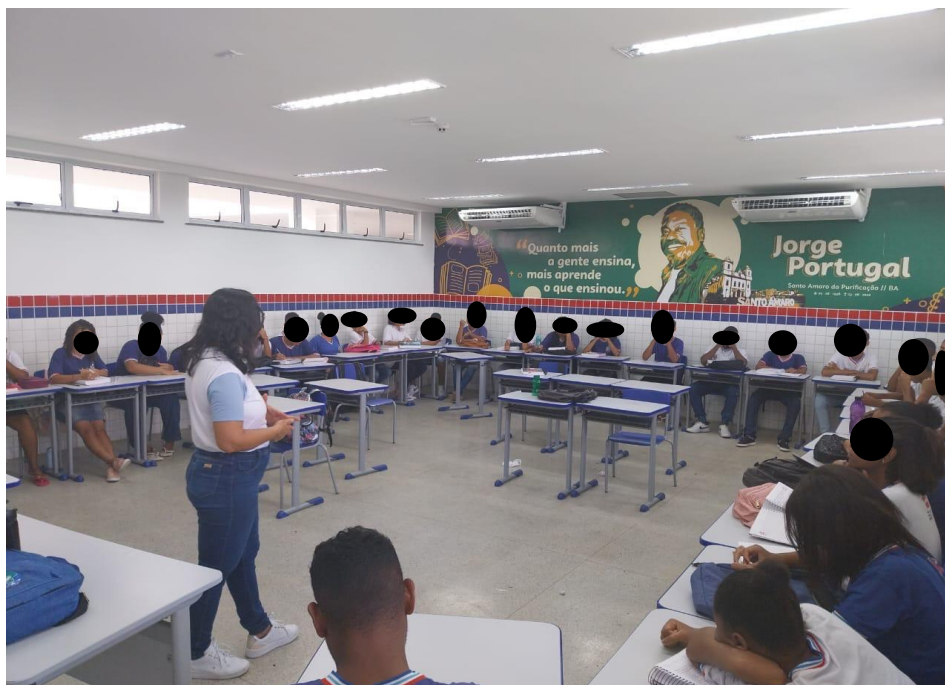
Na terceira foi a entrevista semiestruturada com a finalidade do estudante conhecer como também valorizar a vida/memória do idoso; No quarto momento,

houve a roda de conversa direcionada, (na qual a pesquisadora fazia intervenções para conduzir esse momento) a fim de que pudessem compartilhar essa experiência, o aprendizado durante esse diálogo entre gerações, suas impressões, seus sentimentos compartilhados. Esse momento foi intitulado “Compartilhando Saberes”, porque foi uma experiência na qual os estudantes emocionados relataram o que ouviram e sentiram ao sentar para ouvir o seu avô, ou a sua avó, que nunca tivera essa oportunidade de expressar para essa nova geração o que viveram para dar o conforto que hoje eles têm, mas até então não sabiam dar o seu devido valor. É como referem Santamarina e Marinas:

Recolher os relatos ou as histórias de vida não é recolher objetos ou condutas diferentes, mas, sim, participar da elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador. Por isso, a História de Vida não é só uma transmissão, mas uma construção da qual participa o próprio investigador (SANTAMARINA; MARINAS, 1995, p. 260).

Abaixo segue a fotografia (figura 06) do momento em que cada estudante, através do relato dos seus avós, passaram essas falas não apenas para seus cadernos, porém para suas vidas.

Figura 06: Compartilhando Saberes (roda de conversa)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2024

Para conduzi-los nessa roda de conversa, algumas questões foram utilizadas:

1. Descreva como foi a experiência de entrevistar uma pessoa idosa.

2. Houve dificuldade para essa comunicação?

3. O que você achou desse encontro?

O estudante 1 logo respondeu: “Achei interessante, pois foi algo que nos tirou da “zona de conforto”. Uma experiência agradável que me aproximou da minha vó. Descobri coisas de antigamente como a vida difícil que ela teve.” Outros estudantes também se pronunciaram com opiniões semelhantes:

A experiência foi incrível! Não houve nenhuma dificuldade na conversa. Através dessa entrevista descobri coisas que jamais pensaria em perguntar. Descobri sua história e adquiri conhecimentos para a vida toda. É algo que deveríamos fazer mais vezes, pois gera conhecimento sabedoria e conselho. (Estudante 2)

Foi uma experiência muito boa por descobrir coisas daquela época e o quanto as coisas mudaram ao longo dos anos, uma realidade totalmente diferente. É muito importante nós sabermos a história e experiência das pessoas mais velhas. (Estudante 3)

No momento em que a entrevista foi desenvolvida a entrevistada se emocionou ao lembrar dos momentos de labuta na zona rural, o que fez com que eu também me emocionasse por orgulho e felicidade por ela. Esse momento foi muito importante porque passamos a conhecer a vida das pessoas idosas, resgatar sua identidade, conhecer seu vocabulário e ensinamentos para as futuras gerações. (Estudante 4)

Os depoimentos dos estudantes coadunam com as palavras do professor linguista Dino Preti em sua obra “A linguagem dos idosos”. “Sob o aspecto conversacional, revela-se a importância da categoria *tempo* e a presença constante do passado, como um ponto de referência constante para o discurso.” (PRETI, 1991, p. 28). A partir dos relatos desses estudantes, pode-se perceber o quanto foi relevante esse encontro de gerações, que embora muitos avós morassem próximo ou até mesmo na mesma casa com seus netos, havia um certo distanciamento, pois está claro nos depoimentos dos educandos que eles não tinham esse hábito de conversar com seus avós para ouvir suas histórias de vida. Um dos estudantes fez questão de registrar o momento após essa troca de conhecimentos. Segundo ele, a fotografia ficará também em sua memória esse momento tão significativo. A seguir, a fotografia que apresenta essa conexão entre duas gerações no momento de coleta de dados a partir de entrevista com familiar (idoso).

Figura 07: Encontro de gerações



Fonte: NOVAIS, 2024



Fonte: FERNANDES, 2025

Com os dados e as histórias coletadas, partiu-se para a quinta oficina, voltada para o estudo do gênero a ser produzido: cordel, suas características e estrutura com o objetivo de identificar os elementos que o compõem: métrica, rima, estruturação das estrofes, etc; Na sexta e sétima oficinas os estudantes produziram/revisaram os cordéis a partir dos relatos da história de vida dos idosos. Na imagem a seguir, os estudantes puderam ficar à vontade na produção. Desse modo, há cordéis produzidos por trio, dupla e individual. Essa organização se explica devido à estrutura e características do gênero em estudo ser complexo. Então, quando a produção foi realizada em trio, as tarefas foram divididas conforme maior habilidade de cada um. Nesse caso, um aluno fez a entrevista e o outro ajudou a produzir o cordel, enquanto o terceiro que tinha habilidade em desenho, confeccionou o livrinho. Em caso de dupla, (em alguns foram entre irmãos ou primos, pois o idoso é avô dos 2 estudantes); já outros preferiram fazer tudo sozinhos.

Figura 08: Oficina de produção dos cordéis



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2024

Quanto ao segundo grupo, seguiu a mesma quantidade de oficinas, porém com foco diferente. Vale lembrar que essa pesquisa está organizada em 2 seções:

Na primeira, trata da valorização da memória, do léxico dos idosos e o preconceito linguístico em relação a esse vocabulário; já na segunda, aborda acerca da valorização das pessoas que moram no campo, ou seja, trata também de preconceito social, linguístico, como também de pertencimento (Quadro 1 e 2).

Como produto, foi produzido um e-book composto por cordéis, poemas e fotografias resultantes das produções dos discentes das turmas citadas anteriormente. Esse material ficará no colégio supracitado a fim de ser um recurso pedagógico o qual outros professores poderão trabalhar temas como preconceito linguístico social e cultural, bem como o reconhecimento da trajetória de vida dos idosos e moradores da zona rural, pertencimento, identidade, como também sua valorização como pessoa da sociedade.

3.2.1 Estão rolando os dados

Pensando em uma compreensão melhor do leitor acerca das oficinas que foram desenvolvidas durante esta pesquisa, foi elaborado um quadro, voltado para cada grupo, no qual contém enumeradas as etapas e a descrição do que foi realizado com o seu respectivo objetivo.

Quadro 1: Etapas das oficinas dos cordéis

Etapa / oficinas	Descrição	Objetivo
Oficina 1	Contextualização da Literatura de Cordel	Conhecer a história da Literatura de Cordel e sua importância.
Oficina 2	Leitura de bons modelos de cordéis	Ler e analisar modelos/exemplos de cordéis tendo como foco a sua estrutura e linguagem utilizada.
Oficina 3	Pesquisa de Campo: coleta de dados/ entrevistas	Entrevistar seguindo um roteiro, mas de forma flexível um idoso acerca da sua trajetória de vida desde a infância.
Oficina 4	Roda de conversa	Apresentar suas impressões acerca da entrevista com os idosos de forma direcionada, baseada em algumas questões norteadoras feitas pela pesquisadora.
Oficina 5	Estudo das características e estrutura do cordel	Analisar modelos; Estudar as características e estrutura do gênero.
Oficinas 6 e 7	Produção e revisão de cordéis	Produzir e revisar os cordéis.

A análise de dados da literatura de cordel e poemas produzidos foi a partir da análise descritiva e comparativa dos elementos da memória, atividade laboral na infância, participação das mulheres nas atividades agrícolas, educação. A apresentação dos cordéis produzidos pelos alunos a partir das narrativas contadas pelos seus avós aconteceu em um encontro intitulado “Chá Literário” o qual foi realizado no referido colégio, culminância que serviu de material para validação da pesquisa e o processo de construção do produto final, o e-book.

Quadro 2: Etapas das oficinas dos poemas

Etapa / oficinas	Descrição	Objetivos
Oficina 1	Sensibilização acerca do tema a ser trabalhado	Apresentar aos estudantes a história de vida da pesquisadora como ex-estudante da zona rural; Ouvir os relatos dos estudantes em relação de como se vê nesse espaço/escola da zona urbana, suas angústias, suas expectativas como aluno da 3ª série.
Oficina 2	Compreendendo a adequação do uso da língua portuguesa de acordo com o contexto	Reconhecer que na língua portuguesa não há certo ou errado, mas sim o adequado e o inadequado; Conhecer um breve resumo da obra: <i>Novela Sociolinguística – a Língua de Eulália</i> – Marcos Bagno.
Oficina 3	Conhecendo a origem do seu lugar.	Orientar a pesquisa acerca da origem do seu lugar.

Oficina 4	Fortalecimento da Identidade /pertencimento	Compartilhar os Saberes, através da roda de conversa, baseados nos depoimentos de moradores antigos do lugar de cada estudante.
Oficina 5	Produção textual – poemas	Analisar modelos; produzir poemas baseados na valorização do campo e sua atividade laboral.
Oficina 6	Construção da maquete	Construir a maquete representando a memória, as marcas da zona rural.
Oficina 7	Exposição da maquete	Apresentar os elementos que compõem a maquete à comunidade escolar.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As vivências e memórias que o professor carrega ao longo de sua trajetória constitui um repertório único, formado por experiências pessoais, aprendizagens, desafios e inspirações que moldam seu modo de ensinar. Logo, valorizar essas histórias é reconhecer que a prática pedagógica se constitui num processo de comunhão da teoria, com os caminhos percorridos das pessoas que marcaram sua formação nos contextos culturais que atravessara.

4.1 VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS QUE MOTIVAM A VALORIZAÇÃO DE OUTRAS TRAJETÓRIAS PEDAGÓGICAS

Para iniciar a proposta de pesquisa, as referências bibliográficas e literárias foram importantes para introdução da ação – participante com os alunos. Na primeira etapa de sensibilização acerca do tema a ser trabalhado, o primeiro encontro teve como objetivo apresentar aos estudantes a história de vida da pesquisadora. como ex-estudante da zona rural. Santos (2015), enfatiza que é papel da escola contribuir para o estabelecimento de laços de afetividade e sentimento de pertencimento. Portanto, esta pesquisa é de grande relevância, pois a escola ao promover esses espaços de vivências e construções de saberes, cumpre seu papel de reafirmação da cultura, da inclusão e ao combate a tais preconceitos.

Vale ressaltar que este trabalho iniciou desde a primeira semana de aula 2024 (com o grupo 1). Quanto ao grupo 2, iniciou no começo deste ano (2025). Para isso, a sala foi organizada em círculo para que todos pudessem ser visíveis como também enxergar o outro. Por isso, foi necessário explicar a relevância das apresentações individuais no primeiro dia, a fim de que todos pudessem se conhecer.

4. 1.1 Entre escuta e diálogos: partilhar experiência

Abro espaço nesse momento para falar sobre minhas vivências. Estudante, professora, pesquisadora, mas que também tem memórias e lembranças que transbordaram nesta pesquisa e motivam a minha rotina diária.

Nasci e cresci na zona rural do município de Nova Redenção, na localidade chamada Queimadas. Filha única de pais lavradores, semianalfabetos tendo a agricultura como fonte de subsistência. Desde muito criança ia para roça todos os dias ajudar meus pais que trabalhavam nessa atividade e tinham que dividir a pequena produção, já que o terreno não era nosso. Uma vida muito simples compartilhada com meus primos, tios e avós maternos. Morávamos perto e meu avô, embora não soubesse escrever sequer uma letra, porque não teve oportunidade de frequentar a escola, lia muitíssimo bem, com entonação, os cordéis que ele comprava aos sábados quando ia fazer compras na cidade.

Figura 09: Pesquisadora aos oito anos com seus pais



Fonte: Acervo da autora

Então, quando não estávamos na atividade laboral, ele reunia meus primos e eu, que sentávamos no chão a sua volta e ouvíamos com entusiasmo sua leitura declamada e interpretada. Naquele momento, “viajávamos” todos na leitura de cada livrinho de cordel declamado: A triste sorte de Jovelina, O Pavão Misterioso, As proezas de João Grilo, etc. Essas e outras histórias jamais sairão das nossas memórias. Mesmo não tendo frequentado a escola, meu avô era muito culto, lia muito e sempre corrigia minha vó que escrevia com letras que pareciam ser desenhadas, pois mantinha a originalidade da escrita de sua época (êlle – com acento e 2 l, por exemplo, traçando cuidadosamente como havia aprendido na sua época com a pena e a tinta) mesmo já estando nos anos 80, conservara na oralidade o léxico do seu tempo de “moderna” do seu lugar de origem e ao ser corrigida com um sorriso meio

irônico do seu esposo, ficava brava com isso.

Hoje, como professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio e Fundamental II, sou admiradora das obras de Patativa do Assaré bem como de Zé da Luz, entre outros poetas nordestinos, pois sou apaixonada pela linguística onde esse saber popular sempre fez parte e sempre fará da nossa cultura, enriquecendo o vocabulário do nosso povo. Nesse viés, percebo que há um preconceito linguístico em relação a essa linguagem informal utilizada principalmente pelos idosos, por parte dos jovens bem como a desvalorização da sua vida, a memória desta população que é vista como pessoas praticamente inúteis, sendo descartadas da sociedade.

Assim, iniciei esse trabalho na terceira série do Novo Ensino Médio formada pela sua grande maioria de alunos da zona rural desde o primeiro de aula deste ano, através de uma apresentação entre alunos e professora, já que a maior parte deles ainda não tinha sido meus alunos em anos anteriores, me apresentando primeiro. Para isso, contei um pouco da minha trajetória enquanto ex-aluna da zona rural com suas fragilidades vencidas, preconceitos, dificuldades em vários sentidos e onde estou, graças à persistência aos estudos, mas que batalhei muito para chegar até aqui. Naquele momento, percebi que ficaram todos atentos ao meu discurso, com olhares surpresos, muitos emocionados com olhos lacrimejantes. Quando terminei, todos me aplaudiram e me parabenizaram pela resiliência.

Diante disso, eles se sentiram mais acolhidos e confiantes para falar um pouco de si. Nesses depoimentos, percebi muitas semelhanças e algumas diferenças entre nossas vidas de estudantes da zona rural. Dando continuidade, e baseado nos seus relatos, fiz a proposta para participarem dessa pesquisa à qual foi muito acolhida e muitos disseram ser uma honra fazer parte de uma dissertação de mestrado. Então, agradei e pedi que se apresentassem um de cada vez, respondendo a algumas questões norteadoras, para dinâmica de apresentação.

4.1.2 Trilhando o caminho da pesquisa

Para dar início à apresentação dos estudantes (do grupo 2), a professora anotou na lousa as perguntas norteadoras as quais seguem no quadro abaixo:

Quadro 3 – Ficha das questões norteadoras

Qual seu nome?
Onde você mora?
Você gosta do lugar onde mora?
Quais suas expectativas para esse ano?

A pesquisadora/professora precisou se aproximar daqueles mais tímidos para ouvi-los, pois falavam baixinho, com medo, inseguros. Assim, várias histórias se cruzavam entre educandos e educadora, ambos perceberam essa semelhança de trajetória de vida. Por isso, eles falaram que se identificaram com a professora, pois segundo eles, nenhum professor tinha contado sua história semelhante a deles nem sequer tinha parado para ouvi-los. Dessa forma, pode-se inferir uma exclusão de práticas pedagógicas que possibilitem a interação desses alunos ao ambiente da sala de aula.

4.1.3 Uma pausa para o estudo contextualizado da Língua Portuguesa

Com o objetivo de trabalhar de maneira introdutória a base conceitual dos estudantes, foi experienciado o estudo sobre as Figuras de Linguagem cujo objetivo era compreender que as figuras de linguagem estão organizadas por categorias de acordo com a função que desempenham no texto. Vale ressaltar que o domínio estratégico desses recursos na escrita seriam essências para as produções ao longo do trabalho desenvolvido.

Nestas aulas, foi explicado aos estudantes como estão organizadas as figuras de linguagem. Para isso, foram apresentadas à turma em sala de aula 4 (quatro) caixas, onde cada uma representava uma categoria de figuras de linguagem (Figura 10). Em cada caixa estava escrito o nome da categoria como também uma breve explicação: Figuras de palavras – extrapola o significado das palavras; Figuras de pensamento – Combinação de ideias e emoções; Figuras de sintaxe – interfere na estrutura gramatical das orações; Figuras de som – Referem à sonoridade das palavras.

Figura 10: Caixas representando as categorias das figuras de linguagem



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

Foram apresentadas as quatro caixas ao grupo de estudantes e solicitado que quatro estudantes escolhessem uma caixa, ao escolher, deveriam ler o que estava escrito na caixa em voz alta. E assim foi feito, um a um. Quando terminou esse movimento, a professora explicou que as figuras de linguagem estão organizadas em quatro categorias, ali representadas. Logo após, os alunos foram orientados a destacar a atividade solicitada anteriormente para casa (foi disponibilizado um link de videoaula para que os estudantes assistissem e tomassem nota do conceito de uma figura de linguagem com um exemplo. Essa estratégia é chamada sala de aula invertida à qual o aluno está no centro da aprendizagem, permitindo que ele estude o conteúdo previamente em casa e na sala de aula há um aprofundamento do aprendizado, em consonância com o pensamento de Paulo Freire o qual defende que ensinar é criar possibilidades para que o aluno construa seu próprio saber. Então, os estudantes foram orientados que destacassem e lessem o conceito da sua figura de linguagem (figura 11) e o exemplo para depositar na caixa da sua respectiva categoria.

Figura 11: Alunas depositando a atividade nas caixas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

Um estudante por vez, ao ler em voz alta e identificar ou não, era questionado pela pesquisadora: está correto, pessoal? A turma, atenta, respondia se sim ou não. Quando não, teria que explicar o porquê e mostrar qual a caixa que estaria adequada à figura de linguagem trazida pelo aluno.

Todos se interessaram em realizar essa atividade. Um a um ia lendo seu conceito e exemplo. Alguns identificaram logo qual a caixa pertencia sua figura de linguagem; outros tiveram dificuldade, mas quando isso acontecia os colegas averiguavam e auxiliavam a encontrar a caixa. Foi uma atividade exitosa. Ao final, eles disseram que já haviam estudado esse conteúdo em anos anteriores, no entanto tinham dificuldade em compreender, já que são muitas as figuras de linguagem, porém através dessa atividade lúdica, conseguiram aprender em duas aulas o que não haviam aprendido durante uma unidade no ano anterior. A autoavaliação foi positiva e todos os alunos parabenizaram a estratégia utilizada no processo de aprendizagem.

Para compreensão da estrutura e características do gênero textual Cordel/Poema foi organizada outra sequência de atividade a fim de compreender a estrutura e as características do gênero poema e/ou cordel; identificar as figuras de linguagem presentes nesses gêneros textuais.

Para dar início, a pesquisadora fez a leitura do poema de Zé da Luz, Ai se sesse! Ao final, os alunos foram questionados se já tinham visto falar desse poeta. Em unanimidade, disseram que não. Então, a pesquisadora apresentou uma breve biografia do autor. Os estudantes pegaram o caderno da Olimpíada de Língua

Portuguesa (OLP) que tinham levado para analisar com mais tempo os textos em casa. Dessa vez, a atividade solicitada foi observar a estrutura de cada poema e anotar no caderno apenas o título e autor do poema. Em seguida, analisar cada poema e tomar nota de acordo com as seguintes consignas:

Quantas estrofes (pedaços) formam o poema?

Há rimas ou não? Se há, estão no final ou no meio dos versos (linhas)?

As estrofes apresentam a mesma quantidade de versos?

Os versos são do mesmo tamanho ou variam?

Quanto à linguagem utilizada, ela é formal ou informal? Retire um verso que comprove sua resposta.

Após esse movimento, a professora escreveu no quadro a primeira estrofe do poema de Gonçalves Dias, *Canção do Exílio* e pediu que um aluno, voluntariamente, fosse contar e grifar em cada verso quantos sons haviam em cada um (isso para explicar a métrica e deixando claro que a métrica – sons – é diferente da separação silábica gramatical); Em seguida, foi realizada a distribuição das rimas da estrofe supracitada. Quando terminaram, a turma analisou, sob a orientação da professora, no livro didático de língua portuguesa voltado à 1ª série, um capítulo sobre “poemas”, e fui indicando quais páginas fizessem a leitura com atenção e observando os poemas analisados: distribuição das rimas, versos livres, versos brancos, soneto, métrica. Ao concluírem, as duplas foram socializando sua análise. O próximo encontro teve como objetivo: Produzir poemas tendo como tema a valorização do Meu Lugar. Para iniciar essa atividade, cada aluno leu com atenção a sua pesquisa feita anteriormente sobre o seu lugar.

A pesquisadora explicou que o conteúdo da aula seria a produção de poemas tendo como tema o seu lugar. Para auxiliar na produção, eles precisavam ter:

- A lista de figuras de linguagem (uma vez que copiaram no caderno cada figura de linguagem que o colega apresentava na aula anterior), isso tornaria seu texto literário. Então, não poderia faltar;
- O livro didático e que abrissem no capítulo (voltado ao gênero poema) estudado na aula anterior;
- As anotações no caderno feitas anteriormente;
- O caderno da Olimpíada de Língua Portuguesa com os poemas.
- A foto tirada pelo aluno, solicitada nas primeiras aulas deste ano. Nesse caso (como era uma atividade pedagógica), pudessem pegar o celular para que

pudessem observá-la.

Quando todos providenciaram o material, a sala foi organizada em dupla, quem fazia parte do mesmo lugar, (apenas os alunos que moram no mesmo local). Assim, um ia auxiliando o outro na produção. Em seguida, tomassem decisões, como: Como vou estruturar meu poema (para facilitar, alguns questionamentos estavam expostos no quadro):

Como vou produzir meu poema:

- Terá uma ou mais estrofes?
- As estrofes terão o mesmo número de versos ou não?
- Os versos terão o mesmo tamanho ou vão variar?
- Terá rima ou não?
- Vou garantir a métrica ou serão versos livres?

No início, muitos tiveram dificuldade em transformar as informações da pesquisa em um texto literário. Para auxiliá-los a professora foi fazendo algumas intervenções de acordo com as fotos que cada um tirou:

- I. Qual a cor desse mato, dessa terra?
- II. E o cheiro que eles transmitem?
- III. Quais são os pássaros, suas cores, como são os sons de seus cantos que ouço principalmente de manhãzinha ou no final da tarde?
- IV. Que sentimentos despertam em mim ao observar essa foto?
- V. Elas trazem lembranças, memórias, de que ou de quem?
- VI. Eu posso fazer algumas comparações, exageros ao observar alguns elementos da foto?
- VII. Quais os gostos/sabores que posso sentir quando fecho os olhos e me lembro daquela casinha simples onde minha vó cozinhava ou cozinha no fogão à lenha?
- VIII. Qual a crítica social que posso colocar no meu texto para comparar essas vivências do ontem e do hoje?

Ao passo que a professora ia falando, os alunos, atentos, começavam a escrever, a fluir as ideias. Alguns diziam: “peraí, professora, fala de novo aí?”; outros diziam: “Hummmmm, agora ajudou mais”. “dá uma olhada aqui, pró, pra ver se está indo certo?” Quando foram orientados a entregar suas produções para a professora, alguns disseram: “Já?!”, “Vixe, como a aula passou rápido hoje!”

Já o próximo encontro teve como objetivo: Revisar os poemas produzidos na aula anterior. Nesse momento, os alunos receberam os poemas sinalizados pela professora com algumas devolutivas: uns precisavam concluir; outros precisavam de ajustes de concordância, ou era intenção do autor a discordância? Já em relação à organização - onde terminava cada verso (pois alguns alunos misturaram um verso com outro, apresentando assim dificuldade em organizá-lo). Para isso, foi solicitado que observassem a estrutura dos poemas analisados nas aulas anteriores, devido à intenção do autor. Devido às dificuldades que sentiam, eles solicitavam a todo instante a presença da professora para tirar suas dúvidas. Logo, ninguém ficou distraído na sala. Era um consultar de caderno, de livro, que nunca foi visto igual. Enfim, começaram a surgir as produções. Cada uma mais bonita que a outra. Quanta felicidade nos rostos de cada um!

A professora, ao ler cada produção, comentava: “Tá lindo esse verso, essa estrofe! Fale mais, acrescente os seus sentimentos.” E assim saíram belas poesias, as quais ninguém imaginava tanta criatividade, tanto potencial da turma! Ao recolher as produções a professora deu a ideia de que alguns poemas seriam selecionados para participar de um dos Projetos Artísticos Literários do Colégio: Tempos de Artes Literárias (TAL). Isso não significava que os outros estavam ruins, pelo contrário, mas que os selecionados estariam atendendo aos critérios do projeto. A ideia foi aceita por todos.

4.1.4 entre prosas e gerações: a língua que não envelhece

“As palavras são como fio: unem o que o tempo separa.” (José Saramago)

A variação linguística é a diversidade de formas de falar de uma mesma língua, influenciada por fatores como região, grupo social, momento histórico e contexto de comunicação. Seus quatro tipos principais são: diatópica (regional), diastrática (social), diacrônica (histórica) e diafásica (situacional). Para Marcuschi (2001), “A variação linguística é constitutiva da língua e reflete a diversidade social, cultural e histórica dos falantes. A escola precisa reconhecer e valorizar essa diversidade, e não reprimi-la.” Nesse sentido, foram analisadas trinta (30) entrevistas com foco na variação linguística apresentadas nestas narrativas. Como é possível observá-las no quadro abaixo:

Quadro 4: Síntese analítica da variação linguística nas entrevistas por meio da pesquisa ação participante

ID	Variação diacrônica (histórica)	Variação diastrática (social)	Variação diatópica (regional)
1		Cabo da inchada	Cabo da inchada
2	3 mi réis	3 mi réis	
3	Fazer suas necessidade no mato	Fazer suas necessidade no mato	Fazer suas necessidade no mato
4	Abrir cacimba	Abrir cacimba	Abrir cacimba
5	Não chega nem aos pés dos de antes	Não chega nem aos pés dos de antes	
6	Namoro muito educado	Namoro muito educado	Namoro muito educado
7	Era em lombo de jegue rio Peri (Paraguaçu)	Era em lombo de jegue,	Era em lombo de jegue, rio Peri (Paraguaçu)
8	Namoro só de vista potes de água	Namoro só de vista potes de água	Namoro só de vista potes de água
9	chicote de fedegoso	chicote de fedegoso vassoura de paia	chicote de fedegoso vassoura de paia
10	Quando eu era moderna	Quando eu era moderna	Quando eu era moderna
11	Caminhava duas léguas	Caminhava duas léguas	Caminhava duas léguas
12	10 conto; Cruzeiro	10 conto	10 conto; Cruzeiro
13		Quando chovia que os tanque enchia	Quando chovia que os tanque enchia
14	Festa na Sociedade	Festa na Sociedade	Festa na Sociedade
15		de cumê,	de cumê
16	Tinha cisma dos pais	Tinha cisma dos pais; Compromidos	Tinha cisma dos pais; Compromidos
17		uns povo	uns povo
18	Jeito de educar era taca	Jeito de educar era taca	Jeito de educar era taca
19		Por causa dos trabai era a mais véa cumé	Por causa dos trabai ra a mais véa; cumé
20		Plantano mi mais um tá no céu	Plantano mi mais um tá no céu
21		camião pipa; trabaio; Muntio	camião pipa; trabaio; Muntio
22		Nóis morava	Nóis morava
23		Trabaiei; Imbuchava	Trabaiei; Imbuchava
24	conto de réis	oiava ; Muié; Home meus pai; muitos familiar nos calderão	conto de réis; Oiava Muié; Home; meus pai; muitos familiar; nos calderão
25		Foi morar com Deus	Foi morar com Deus
26	Meia-praça	Meia-praça	Meia-praça
27		Meu fi; num tia tempo pa água do ri memo; rorpa	Meu fi; num tia tempo pa água do ri; memo rorpa
28		Largoa	Largoa
29		Grugrue	Grugrue
30	Meus criadores	Meus criadores	Meus criadores

De acordo com a análise realizada nas entrevistas, observou-se a presença de 3 tipos de variação linguística. Diatópica, uma vez que a fala dos entrevistados demonstra essa variação acentuada na região nordeste. Como percebe-se no depoimento do entrevistado 1 do quadro acima: *“Desde pequena qui eu trabaia no cabo da inchada”*

Desse modo, ela aparece com frequência na fala de comunidades rurais do Nordeste (e também em algumas áreas do Norte) não sendo comum para outras regiões, sendo marcada pelo lugar de origem do falante. A expressão está associada ao instrumento agrícola “enxada”, comum na vida no campo. Logo, pertence a um repertório vocabular regional, construído a partir de uma cultura e das práticas de uma área específica.

Além disso, é perceptível que a expressão acima faz parte também da variação diastrática, uma vez que a forma “inchada” em vez de “enxada” ocorre em grupos com menor escolarização formal (nível de escolaridade) como também é comum entre trabalhadores do campo, agricultores, pessoas ligadas à cultura agrária. Portanto, marca classe, profissão e práticas sociais. Nesse viés, Bagno reforça que o preconceito linguístico nasce de visões normativas e excludentes que desconsideram a legitimidade das variedades populares e regionais

Já em relação à variação diacrônica, ou seja, histórica a expressão *3 mi réis* contempla essa variação. Como é comprovado no discurso do entrevistado 2: “Eu ajudava meu pai na roça, mais quando achava siviço, eu também trabaia na roça do zoto pra ajudar im casa. Me alembro qui ganhava 3 mi réis.”

Nesse caso, a expressão *3 mi réis* é considerada diacrônica uma vez que se trata de uma moeda antiga (réis), ou seja, um vocabulário histórico. Apesar desse idoso, nos dias atuais, não residir mais no campo, ele ainda carrega consigo o léxico da sua infância e juventude; como também apresenta nitidamente a variação diastrática (social), já que o entrevistado, ex-morador do campo, pertencente a uma geração mais velha, camadas populares, em sua fala demonstra que faz parte de um grupo específico (como nesse exemplo, de pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade formal).

Em se tratando de variação diatópica (regional), é evidente quando o entrevistador pergunta em relação ao namoro antigamente, e o entrevistado responde: *“A gente tinha cisma dos pais, ainda mais porque eu era mulher.”*

A expressão grifada acima demonstra um traço regional principalmente na região Nordeste do Brasil, Norte de Minas e interior do país em geral. Assim, a palavra “cisma” ao invés de “medo”, “receio”, é típica dessas regiões supracitadas.

Como também apresenta a variação diastrática (social), essa estrutura aparece bastante na fala de pessoas idosas, principalmente em contextos rurais, o que reforça o traço social do grupo. Como os idosos utilizam a palavra, nesse caso, com sentidos diferentes dos jovens, ela também é variação diacrônica (quadro 04).

A juventude utiliza o vocábulo “cisma” com o sentido de desconfiança, por exemplo, estou cismado de algo. Nesse caso, não significa medo, mas desconfiança de algo. Seguindo esse raciocínio, Labov nos ajuda a lembrar que a língua não muda de maneira aleatória, mas por meio de processos graduais que se acumulam historicamente, influenciados por fatores sociais, culturais e identitários.

Paulo Freire (2021), em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, diz que a negação do acesso à educação é uma das formas mais profundas de opressão, pois impede que o sujeito desenvolva sua consciência crítica e participe plenamente da vida social. Para o autor, quando homens e mulheres são privados da escola — seja pela pobreza, pelo trabalho precoce ou pela desigualdade estrutural —, suas vozes são silenciadas e suas possibilidades de transformação do mundo são limitadas.

Já no quadro abaixo, ao analisá-lo, é possível notar que os depoimentos dos idosos dialogam diretamente com a Agenda 2030 da ONU, especialmente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável² (ODS) 1, 2, 3, 4, 6 e 8. Suas narrativas sobre pobreza extrema, insegurança alimentar, falta de acesso à saúde, limitações educacionais, ausência de saneamento básico e condições precárias de trabalho evidenciam desafios que esses objetivos buscam enfrentar. Assim, o quadro permite compreender como, historicamente, essas dimensões impactaram a vida das gerações mais antigas, reforçando a importância das metas propostas globalmente para promover dignidade, equidade e qualidade de vida (quadro 5).

² Transformando Nosso Mundo: a agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” é um plano de ação para todas as pessoas e o planeta que foi coletivamente criado para colocar o mundo em um caminho mais sustentável e resiliente até 2030. (Agenda 2030. Disponível em: <https://sc.movimentoods.org.br/agenda-2030/>. Acesso em: 03 dez. 2025.)

Quadro 5: Síntese analítica dos ODS nas entrevistas por meio da pesquisa ação participante

ID	Temas	ODS
1	Não pude istudá, porque perdi meus pai bem cedo. Aí fui viver cum meus tio, então tive qui trabaiá na roça pra ajudar.	4 – Educação de qualidade
2	Estudei até a 4ª série. Depois tinha que fazer admissão pra entrar no colégio, mas não fiz. O ônibus era a canela e a merenda era de casa quando tinha.	4 – Educação de qualidade
3	Não pude istudá porque precisava trabaiá pra não morrer de fome.	4 – Educação de qualidade
4	Eu trabaiava ajudano minha mãe im casa e capinano, plantano e colheno.	2 – Fome zero e agricultura sustentável
5	A água era tirada da fonte ou pegava no rio e no poço.	6 – Água potável e saneamento
6	Era muito sofrimento. Trabaiei desde nova na lavora pra garantir o sustento.	2 – Fome zero e agricultura sustentável
7	Estudei numa escola qui meu pai pagava. A merenda a gente levava de casa porque na escola não tinha.	4 – Educação de qualidade
8	Tive 14 filho, mais 7 morrerono porque naquele tempo não tinha médico.	3 – Saúde e bem-estar
9	A gente passava necessidade, mais na época de chuva era muita fartura na roça	2 – Fome zero e agricultura sustentável
10	Trabalhei desde criança nas coisa em casa e na roça plantano feijão, milho e mandioca pra sustento da família.	2 – Fome zero e agricultura sustentável
11	Eu trabaiava nas casa do zoto pra sobreviver e depois fui trabaiá nas roça na meia.	1 – Erradicação da pobreza
12	Fiz ensino médio e me formei em técnico agrícola	4 – Educação de qualidade
13	Em casa tinha água de um poço no quintal. Tomava banho de caneco ou ia pra o rio.	6 – Água potável e saneamento
14	Tive que sair da escola pra trabalhar. Eu ajudava em casa e cuidava dos meus irmãos mais novos, também trabalhava na roça. Quando fiquei mocinha, fui trabalhar em casa de família em troca de comida. Os patrões não me dava nada além do prato de comida.	8 – Trabalho decente e crescimento econômico
15	Pai caçava tudo do mato pra gente cumê, Eu Tinha qui trabaiá plantano, capinano, quebrar mamona, mi.	2 – Fome zero e agricultura sustentável
16	Tinha qui carregar água na cabeça pra abastecer a casa	6 – Água potável e saneamento
17	A gente pegava água nos tanque de barro qui inchia quando chuvia. Era barrenta, mais era a qui tinha pra beber, pra cuzinhá...	6 – Água potável e saneamento
18	Foi uma infância muito sofrida. A gente buscava água no rio nos jegue com carote, pra beber, cuzinhá. Trabaia no pesado na roça.	1 – Erradicação da pobreza
19	Estudei a vida inteira e me tornei professora Criei meus 10 filhos dando educação e conhecimentos.	4 – Educação de qualidade

20	Comecei trabalhar na infância, na roça em serviço pesado. Depois fui trabalhar no balcão e me tornei padeiro.	8 – Trabalho decente e crescimento econômico
21	Na minha época era muito difíci. Era muito sofrimento. A gente passava necessidade, só tinha água im casa nos tanque quando chuvia.	1 – Erradicação da pobreza
22	Eu minino caçava passarim pra gente comer. Depois aprendi a fazer cerca e ganhava na diária com isso.	8 – Trabalho decente e crescimento econômico
23	Aprindi um pouco a ler e escrever com minha mãe, porque nunca pude estudar. Com ela aprendi a costurar e artesanato com licuri.	4 – Educação de qualidade
24	Trabalhei fazendo carvão e catando mamona pra vender, a gente plantava pra comer.	15 – Vida terrestre
25	A gente comprava remédio na farmácia que o farmacêutico indicava, médico era pago.	3 – Saúde e bem-estar
26	Só estudei uma semana, mais aprendi a ler e escrever um pouco.	4 – Educação de qualidade
27	Eu fazia farinha, plantava mantimentos, capinava e buscava água no rio com o jegue pra trazer nos carote a meia légua.	8 – Trabalho decente e crescimento econômico
28	A gente só trabalhava, não passeava, não tinha condições financeira nenhuma.	10 – Redução das desigualdades
29	Eu trabalhava de meia-praça no garimpo de serra, é muita labuta.	8 – Trabalho decente e crescimento econômico
30	Eu estudava de segunda a sábado. Fiz até a 5ª série.	4 – Educação de qualidade

4.1.5 Da prosa ao chá: memórias que viram versos

“É no ato da conversação que eles tecem, com a linguagem, as ricas experiências de uma vida inteira, oferecendo o fio da memória às novas gerações.” (DINO PRETI)

A culminância do grupo 1 (relação intergeracional) aconteceu no ano de 2024 no pátio do Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva. A seguir, a foto do convite (figura 12) confeccionado pelos próprios alunos.

Figura 12: Convite do Chá Literário



Fonte: Arquivo próprio, 2024

Esse evento foi muito especial, cheio de emoções, memórias, carinho e afetividade. Tudo organizado e planejado com muito cuidado por todos: desde a direção da escola a qual sempre apoiou esta pesquisa. Na tarde deste dia, a escola parou para homenagear os idosos. Então as mesas foram arrumadas no pátio, o buffet foi pensado com muito cuidado (voltado para esse público) o qual era composto de bolos variados, sucos, café, caldo de aipim e chocolate quente. Para isso, houve parceria dos professores que voluntariamente doaram alguns bolos, do grupo Feliz Idade. O grupo Feliz Idade faz parte do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do Centro de Referência da Assistência Social – CRAS – vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social do Município, composto por quatro grupos: Sede, Nova Vista, Igatu e Ubrairaitá. Muitos idosos avós dos alunos fazem parte desse grupo, por isso o grupo foi convidado a participar do Chá Literário (a turma e a pesquisadora elegaram esse título porque seria no turno vespertino no qual principalmente as pessoas mais velhas costumam servir um chá acompanhado de algo para comer; como esse “chá” seria “regado” com literatura, eis a escolha do nome. Por essa razão, o pátio foi decorado com objetos antigos, frases que falavam de memórias, lembranças, as músicas organizadas em uma play list que os netos fizeram após perguntarem aos seus avós qual canção que gostariam de ouvi-los.

No centro se encontrava uma árvore seca cujas folhas foram substituídas pelos livrinhos de cordéis pendurados por um barbante; já o tronco, era formado em sua base, por um presépio representando a fé que muitos idosos carregam consigo, entretanto essa cultura vem se perdendo ultimamente no município de Andaraí devido

às mudanças de religiões. Então, a árvore recebeu o nome de *Árvore da Vida* (figura 13) pelos estudantes justificando sua escolha pelo fato de contê-la cordéis que retratam a trajetória de vida dos idosos, da “espécie” genealógica.

Figura 13: Árvore com os cordéis e em sua base o presépio



Fonte: Fonte: ALVES, 2024

Importante ressaltar que os estudantes foram os protagonistas na organização desse evento. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que coaduna com o pensamento de Freire (2021) em *Pedagogia do Oprimido*, o aluno é o centro do processo de aprendizagem, mobilizando conhecimentos e habilidades para resolver situações-problema do cotidiano. Essa abordagem empodera o estudante bem como o prepara de maneira eficaz para os desafios da vida. Nesse contexto, os estudantes sob a orientação da professora, montaram a programação (apêndice 03) na qual três estudantes foram os apresentadores (figura 14).

Figura 14: Estudantes apresentadores do Chá Literário



Fonte: ALVES, 2024

Para dar início ao evento, a professora foi convidada a declamar seu cordel intitulado: *Mais que uma homenagem*, onde a mesma faz um homenagem aos seus avós maternos, mas como já faleceram, as duas filhas desses idosos, onde uma delas é a mãe e a outra é tia da professora, sua filha e a cunhada também foram convidadas a ficarem próximas para ouvi-la. Momento muito emocionante para todos que estavam presentes (figura 15).

Figura 15: A pesquisadora homenageia seus avós através do cordel



Fonte: ALVES, 2024

Dando continuidade, os netos foram chamados, um a um, para declamar seu cordel sob a presença do seu homenageado. Um dos momentos mais emocionantes foi quando uma avó se dirigiu à árvore para procurar o livrinho sobre a sua história

que seu neto havia produzido. Ela não se conteve em lágrimas ao encontrá-lo dentre tantos outros que ali estavam.

Figura 16: Momento que uma avó encontra o livrinho sobre sua vida



Fonte: ALVES, 2024

Essa imagem indica que o intercâmbio entre gerações, nesse caso mediado pela pesquisa, incentiva a contação e o registro de histórias, sendo uma forma de fortalecer o tecido social e promover a cidadania para todas as idades. Essa narrativa de vida valoriza o idoso como um construtor social. Além disso, oportuniza os jovens a desenvolverem empatia e paciência; faz uma conexão entre passado e presente; estimula a memória e criatividade nos idosos e o mais importante: permite o acesso a uma riqueza cultural que de outra maneira seriam perdidas. Nesse contexto, Bosi (2023), em sua obra *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* enfatiza que as lembranças dos idosos não são apenas fatos individuais, mas sim construções sociais que conectam o indivíduo ao seu grupo e à história mais ampla da sociedade, sendo cruciais para entender a realidade vivida. Portanto, registrar essas memórias é um ato de valorização humana e resgate histórico.

Vale lembrar que após as declamações dos cordéis, os netos convidaram sua avó, seu avô para dançarem as músicas escolhidas anteriormente. Quanta felicidade estampada em seus rostos e quantas emoções que não dá para descrevê-las! No outro dia, a pesquisadora recebeu várias mensagens de agradecimentos dos idosos por esse momento tão especial, dentre eles, um chamou sua atenção:

Ô minha fia, eu preciso lhe agradecer pelo dia de ontem. Oia, eu tava em casa deitada, o corpo todo dueno, aí a amiga me chamou pra esse encontro, eu nem tava aguentando, mais fui. Quando cheguei lá eu me senti tão bem, tão feliz porque foi um momento emocionante demais que me senti leve, valorizada! Cheguei em casa e dormi tanto que a dor foi embora essa noite. Que Jesus te recompense e clareie tua mente, minha fia. Deus abençoe e te faça feliz. (Idosa de 78 anos)

Diante de vários áudios enviados por essas pessoas, é importante compreender que ouvir e valorizar os idosos é fundamental, porque vai além do simples respeito e carinho: é um ato de preservação histórica, enriquecimento social e promoção da saúde e bem-estar para todas as idades.

4.2 DO CAMPO À CIDADE: CONECTANDO SABERES E VALORIZANDO O LUGAR

Essa etapa teve como finalidade o fortalecimento da Identidade/pertencimento, com os objetivos de apresentar a origem de seus lugares, analisar e valorizar os elementos das fotos enviadas para a pesquisadora.

4.2.1 REVISITANDO A MEMÓRIA E VALORIZAÇÃO DO LUGAR

A maioria dos estudantes do grupo 2 são moradores da zona rural de diversas localidades do município de Andaraí-BA. Muitos deles estão em assentamentos rurais, isto é, conjunto de unidades agrícolas instaladas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) onde originalmente existia um imóvel rural sem função social, ou seja, que apesar de ter um proprietário, não era utilizado de maneira devida conforme prevê o Artigo 5 da Constituição Federal (BRASIL, 1988).

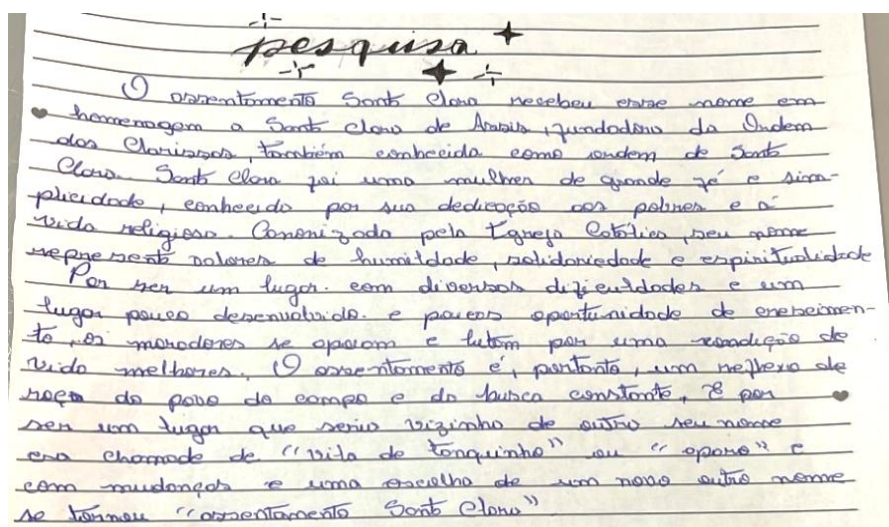
Apesar de moradores nascidos e criados nessas localidades, esses estudantes não conheciam a origem do nome do seu lugar, nem se sentiam pertencentes ao mesmo, negando suas origens por vergonha e preconceitos que sofriam quando chegavam ao colégio, localizado na sede do município. Por isso, não participavam dos projetos da escola, não interagiam em sala de aula, seja com os professores, seja com os colegas, contribuindo assim para o fracasso escolar como evasão, desistência e reprovação. A partir do trabalho da professora/pesquisadora com essa turma, tendo o ponto de partida as suas experiências como ex-estudante da zona rural que viveu os mesmos preconceitos da turma, foi proposto um trabalho voltado à valorização dos moradores da zona rural através dessa pesquisa de mestrado.

Após algumas etapas, as quais já foram expostas através do quadro que

sintetiza a sequência didática trabalhada, uma dessas etapas foi conhecer a origem do nome do lugar onde cada estudante vive. Para isso, foi proposto que o discente tivesse uma prosa com o morador mais antigo do seu lugar, fonte viva de conhecimentos, que nesse caso seria um idoso. Neste sentido, Bosi (2023) afirma que por intermédio das memórias dos idosos é possível apurar uma história social bem desenvolvida. Dessa forma, não foi necessário elaborar questões antecipadamente para a conversar fluir, uma vez que devido ao grau de aproximação, afinidade entre o jovem estudante e o idoso, ambos morador do mesmo local, muitos destes são parentes: avô, avó, tio, vizinho próximo. Para dar início, o estudante explicou da importância dessas informações e se o idoso sabia lhe dizer/contar o porquê do nome do lugar.

Os registros dos estudantes, agora fazem parte de um acervo documental, cuja coletânea traduz a História Oral a partir da memória. Dando prosseguimento, as produções de poemas foram realizadas com base nessas informações e a foto que representa para o estudante, esse lugar (figura 17):

Figura 17: Assentamento Santa Clara



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025

Através do relato de morador desse assentamento supracitado, podemos observar que a fé e a simplicidade estão sempre presentes nessa localidade. Por isso recebeu o nome de uma santa que representa esses valores: Santa Clara.

Retratando a religiosidade do povo nordestino dialogando com Graciliano Ramos (2021) em sua obra *Vidas Secas* na qual aborda a fé e a simplicidade da família de Fabiano e Sinhá Vitória. Nesse contexto, a estudante produziu um poema

no qual contém uma estrofe que corrobora essa temática.

Figura18: Casa de vó



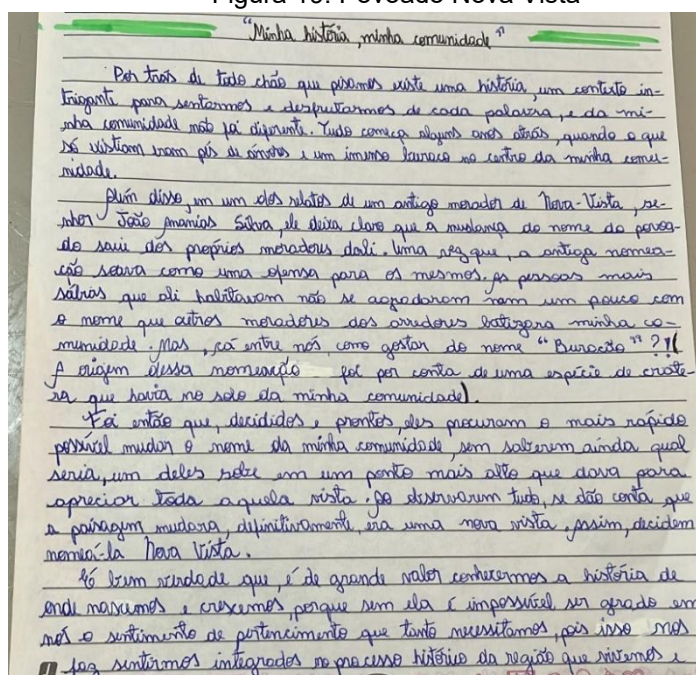
Comíamos o que tinha
E às vezes até passávamos frio
Apesar das dificuldades, era sempre
ali
Que aprendemos os valores da vida
Na simplicidade
que a cidade não ensina.

(Estudante da Santa Clara)

Fonte: SANTANA, 2025

A aluna descreve essa casa como um lugar de paz. Onde passou seus melhores momentos na infância, trazendo-lhe muitas memórias e lembranças, a saber: os primos reunidos, brincadeiras no simples balanço de pneu debaixo de uma mangueira, enquanto os tios e tias conversavam. Ela diz: “A gente costuma pensar que precisa de tantas coisas pra ser feliz, mas a beleza sempre estará nas coisas mais simples do mundo. Assim, a aluna guarda boas lembranças, através da memória, de uma infância simples (figura 18).

Figura 19: Povoado Nova Vista



Fonte: Acervo da pesquisa, 2025

No registro acima, a aluna descreve a mudança de nome do lugar devido à insatisfação dos seus moradores que sofriam ofensas devido ao nome do lugar que até então chamava-se Buracão, por conta de uma enorme cratera que havia no local. Nesse viés, dialoga com o pensamento de Marcos Bagno (2007) em *Preconceito Linguístico*, no qual trata do preconceito em relação à sua linguagem vivido principalmente pelas pessoas que tiveram baixa ou nenhuma escolarização. A mesma afirma a relevância de conhecermos a história do lugar e assim despertar em seus moradores o sentimento de pertencimento.

Para completar esse pensamento acerca da riqueza que está presente nas pequenas coisas, esta estudante escolheu uma planta representando seu lugar, sua identidade (figura 20). Na estrofe a seguir, retirada do seu poema intitulado: *“Um pedaço saudoso da minha identidade”*, fica evidente esse sentimento.

Figura 20: Palma: símbolo de resistência e pertencimento



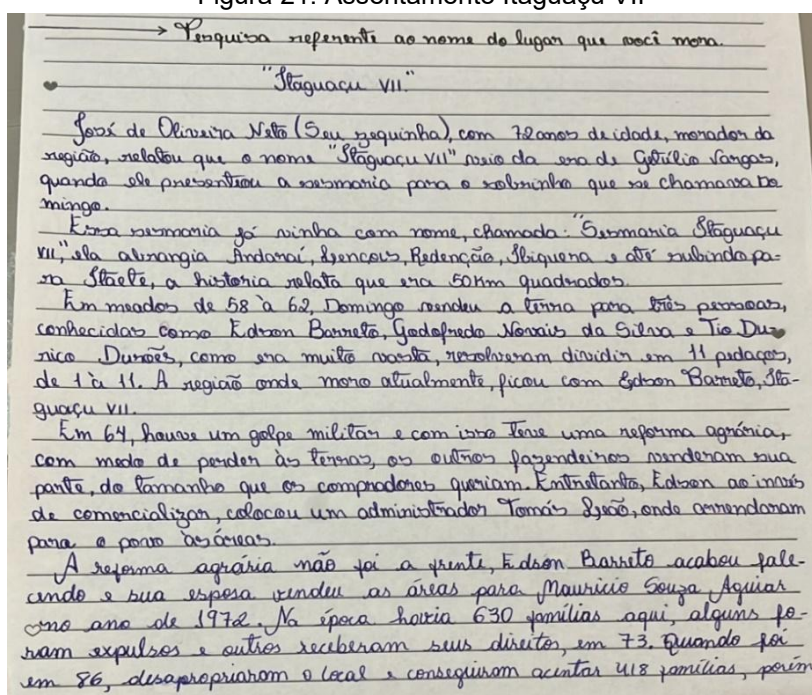
Ah! como eu amo este lugar!
As pequenas coisas que aqui há
Onde as formigas nos ensinam
A ter coragem para trabalhar.

(Estudante de Nova Vista)

Fonte: SANTOS, 2025

A aluna escolheu a palma, que segundo a mesma, essa planta da fotografia tirada do seu quintal, é símbolo de pertencimento, resiliência e resistência, já que resiste às altas temperaturas durante a seca e alimenta tanto a família quanto aos animais que eles criam. Dialogando assim com Nego Bispo que diz “Vai ser xique-xique, vai ser mandacaru. São coisas da Caatinga que alimentam os humanos e não humanos.” (BISPO, 2023, p. 27).

Figura 21: Assentamento Itaguaçu VII



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

Portanto, o pertencimento é uma experiência emocional e cognitiva profunda que molda a forma como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor (figura 21). Essa conversa cuja aluna teve a oportunidade de tê-la com um morador deste lugar, é uma verdadeira aula de história do Brasil, apesar desse idoso ter estudado apenas até a quarta-série, segundo ele, traz um conhecimento que muitas vezes não se encontram em nenhum livro didático de história. Para Bosi (2023) "um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos." A autora ainda complementa afirmando que "Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente." (BOSI, p. 85, 2023). Neste contexto, foi produzido pelas estudantes que moram na mesma localidade, um poema intitulado: *As raízes do legado*. No excerto a seguir, é perceptível esse conhecimento compartilhado pelo idoso e que ficará registrado no papel e na memória dessas jovens.

Mil novecentos e sessenta e quatro
 Houve o golpe militar
 Que modificou o país
 E aos que queriam lutar.
 Várias famílias foram expulsas
 Com grande tristeza ficaram
 Mas hoje elas têm orgulho
 Do legado que deixaram.

(Estudantes de Itaguaçu VII)

As estrofes acima coadunam com Graciliano Ramos (2021) em *Vidas Secas* que descreve a família de Fabiano nesta relação com a terra no sertão nordestino, onde a terra é fonte de sofrimento e de vida, uma ficção que representa não apenas durante o golpe militar, mas também nos dias atuais.

Para representar seu lugar, uma das alunas escolheu tirar uma fotografia de uma árvore que fica isolada das casas, de outras árvores, em uma parte alta desta localidade. Segundo os moradores mais velhos, esta árvore tem mais de 70 anos. Por ser antiga, ela representa também essa história de luta juntamente com os moradores. Para a estudante, a melhor legenda para essa fotografia seria: “Se uma árvore pudesse falar, ela contaria histórias que ninguém nunca contou.” (figura 22). Ou seja, ela é testemunha dos tempos bons e ruins que tanto ela como as pessoas deste local já passaram. Em consonância com esse pensamento Nego Bispo diz:

Existe uma árvore na Caatinga chamada jacurutu. A jacurutu é uma árvore espinhosa, frondosa, que cresce muito. Ela é medicinal, mas não dá frutos para nós. No entanto, ela dá sombra para todo mundo, o ano inteiro, o que é uma forma de compartilhamento. (BISPO, 2023, p. 37)

Figura 22: Árvore antiga que carrega histórias

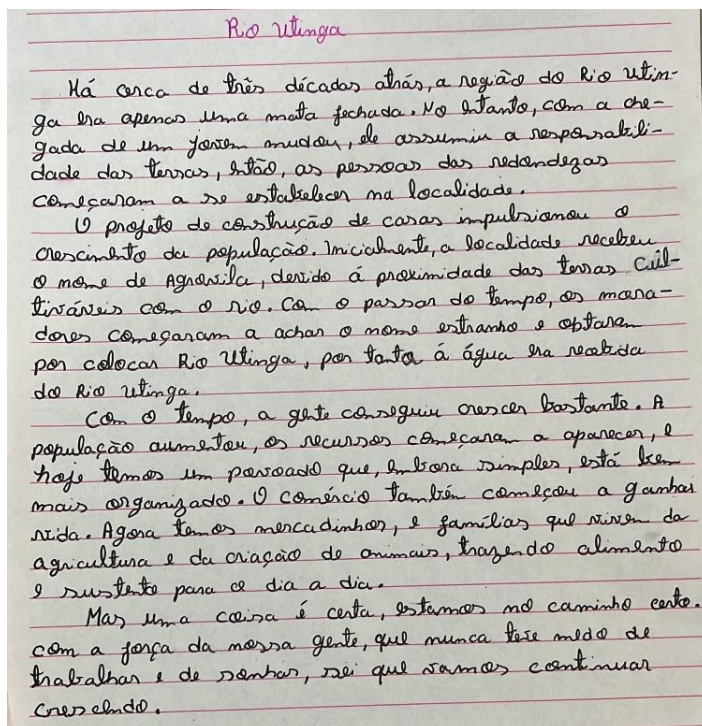


Fonte: FERNANDES, 2024

Nesse sentido, Bispo alerta em relação à coletividade, a partilha como também da sabedoria ancestral, fazendo assim uma crítica ao individualismo. Em forma

metafórica, essa sombra frondosa representa o conhecimento e a sabedoria os quais devem ser compartilhados para manter uma comunidade, os conhecimentos das pessoas mais velhas para as novas gerações como uma forma de manter esses saberes (figura 22) tão fundamentais para a existência do ser humano.

Figura 23: Assentamento Rio Utinga



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

Nas palavras da estudante a partir da prosa com morador do local, é perceptível as mudanças ocorridas neste lugar: Assentamento Rio Utinga no qual as famílias sobrevivem da agricultura e da pecuária, graças à união e ao trabalho da comunidade. No entanto, apesar desse avanço, ainda persistem desafios que precisam ser vencidos nesse local. Observe as estrofes do poema produzido por uma dupla de estudantes desse lugar:

Porém a seca, sem aviso chegou
Levou os animais, a plantação calou
A água que era vida e animação
Se foi, deixando só destruição.

Nos rios que eram brincadeiras e diversão
Com frutos e animais
Hoje apenas resta a tristeza
Esperamos que dias melhores virão.

(Estudantes do Rio Utinga)

Nesses versos estão explícitos a falta de políticas públicas capazes de resolver problemas como a seca, que embora o nome contém um rio, há uma contradição na realidade, pois o rio seca durante longos períodos de estiagem, prejudicando a vida dos moradores que dele dependem.

Nesse contexto, Freire (1972) com sua concepção de Libertação onde o autor aborda a Emancipação na qual esta busca a superação da sociedade de classes e a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática.

O estudante escolheu essa fotografia para representar suas memórias, lembranças de infância, das brincadeiras com os primos subindo nos murundus, cavalos-de-pau, pique-pegas, pique-esconde e das suas travessuras, dentre elas, quando foi bicado por uma galinha por ter pegado sua prole (figura 24).

Figura 24: O lugar – Recordações da infância



Fonte: BISPO, 2025

Mais uma vez as lembranças que deixaram saudades de uma infância simples como cita também o autor Fernando Sabino (1995) em seu livro intitulado “O Menino no Espelho” onde o autor narra as lembranças da sua vida durante a infância.

4.2.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: SILENCIADO E PRATICADO POR QUEM DEVERIA REPUGNÁ-LO.

Este projeto manifesta-se pelo desejo dos estudantes da turma 3º ano A-NEM composta por 30 alunos oriundos da zona rural do município de Andaraí – BA, com apoio do Colégio Estadual de Tempo Integral Edgar Silva, através da disciplina de

Língua Portuguesa, evidenciando o preconceito regional e a desvalorização sofrida por parte de grupos mais vulneráveis (moradores da roça). Ouvir os relatos dos estudantes em relação de como se vê nesse espaço/escola da zona urbana, suas angústias, suas expectativas para este ano como aluno da 3ª série, foi um marco de transformação educacional vivenciada por eles. Assim, o conteúdo abordado foi a Linguagem formal versus linguagem informal cujo objetivo foi reconhecer que na língua portuguesa não há certo ou errado, mas sim o adequado e o inadequado de acordo com o contexto, a exemplo do léxico regional. Conhecer um breve resumo da obra: Nove Sociolinguística a Língua de Eulália – Marcos Bagno. Nesta oficina a professora com base na obra de Bagno, iniciou com a seguinte pergunta:

Como vocês estão em Língua Portuguesa: vocês acham que falam bem ou não?

Os alunos: *responderam em coro que NÃO. Que estão mal em relação ao idioma, que falam tudo errado.* Outro questionamento: *Por que vocês acham que falam “errado?”* E eles foram respondendo, um complementando o outro:

Aluno 1: *“porque **portugueis** é muito difícil, professora”.*

Aluno 2: *“A gente morre e não aprende a falar direito”.*

Aluno 3: *“tem que comer a gramática, tem regra demais!”.*

Então lhes foram apresentada a obra A língua de Eulália e um breve resumo do que passou a personagem principal, Eulália, os preconceitos linguísticos e sociais que passou por ter sido da zona rural. A professora explicou, de modo bem lúdico, fazendo uma analogia da linguagem com a roupa, ou seja, precisa adequá-las. Para isso, foi feito alguns questionamentos:

Quando vamos ao rio tomar banho, utilizamos as mesmas roupas que viemos para assistir aula no colégio? Está adequado virmos para o colégio para assistir às aulas com a vestimenta que usamos para tomar banho no rio?

Assim é a nossa linguagem: tanto na escrita quanto na oral. Nós precisamos adequá-las de acordo com o contexto. Então, não existe cerrado ou errado, mas o adequado e o inadequado. A seguir foi solicitado que eles dessem exemplos de situações que pudessem usar a linguagem formal e informal.

Logo, compreenderam que eles falam bem a língua portuguesa sim, o que precisamos aprimorar na escola é a linguagem culta para que possamos utilizá-la em ocasiões/contextos que esta é exigida. Foi disponibilizado no grupo da turma, via Whatsapp, o livro A língua de Eulália. Para que pudessem fazer a leitura da obra e assim, compreenderem melhor o conteúdo abordado na aula.

Nesse sentido, o projeto trouxe questões abordadas pelas experiências sofridas por alunos oriundos da zona rural, onde diversas vezes negaram sua origem por terem receio de sofrerem algum tipo de discriminação, pelo simples fato de serem do campo. Além disso, abre mazelas na vida desses jovens estudantes que não se fecharam, uma vez que vários foram os vocábulos preconceituosos suportados por eles (“Pé vermelho”, “Do mato”, “Da roça”), muitos por não suportarem essa opressão, optaram por desistir da carreira escolar.

Tendo em vista que, só é gerado no indivíduo o sentimento de pertencimento quando o mesmo se sente acolhido e entendido. No entanto, os alunos do espaço rural ao migrarem à cidade para estudar, vários renunciam sua identidade local, sua raiz e sua história, para serem incluídos no padrão dos “iguais”, ou seja, modificam seu linguajar, sua forma de expressar e seu ideológico, em alguns casos ocorre a negação de pertencer a determinada família, pelo fato de terem uma origem simples e humilde.

Diante disso, é importante desnaturalizar a ideia que as pessoas do campo são diferentes e ignorantes, quebrando os bloqueios que tanto oprimem o próximo e que os fazem desconstruir seus valores, desvalorizar o seu lugar e abandonarem a linguagem materna.

Para Djamila Ribeiro (2019), o racismo ambiental é uma forma de racismo estrutural, que se manifesta na desigual distribuição dos impactos ambientais, com populações negras e periféricas sendo as mais atingidas por problemas como poluição, falta de saneamento e desmatamento. Entretanto, a esfera social conjectura e solidifica que a população de uma região seja inferior às outras, com bases em características culturais e geográficas. Essa é uma questão a ser apresentada nesta pesquisa, diante da hipótese de que, no ambiente escolar ocorre a criação de barreiras e divisões entre os diferentes grupos locais de alunos, gerando a perda identitária e a exclusão social.

Dando continuidade a sequência de atividade, o conteúdo abordado no próximo encontro foi Combatendo o racismo ambiental cujos objetivos foram apresentar aos estudantes a proposta de participarem desta pesquisa; orientar a pesquisar acerca da origem do seu lugar; compreender e combater o racismo ambiental.

Nessa fase foi apresentada a proposta dessa pesquisa à turma, perguntando se gostariam de fazer parte dela bem como a relevância tanto da pesquisa quanto de

suas participações em um trabalho deste porte. Responderam que é uma grande honra participá-los. Foi explicado também que é voluntária a participação, caso quisessem desistir não traria nenhum prejuízo em notas. Como a turma aceitou, foi sugerido que em casa tirassem uma foto do lugar que achassem mais interessante em sua localidade: seja uma estrada, uma árvore, uma casa, etc. contanto que os elementos da foto tenham significado para a pessoa. Alguns comentários da turma: “lá onde eu moro não tem nada bonito, só tem mato!” “Estrada velha de terra vermelha que só traz poeira”; “casa velha esburacada.” Ao ouvir determinados posicionamentos em relação ao seu lugar, a professora pediu que fizessem silêncio para ouvir uma pequena poesia:

Mandacaru, xiquexique
 Coroa de frade e quipá
 Macambira, unha-de-gato
 Jurema e caroá
 A beleza dos espinhos
 Ornamentam os caminhos
 Onde eu gosto de andar
 (SANTOS, 2023, p. 5)

Todos ficaram em silêncio e após a leitura aplaudiram. A professora perguntou se conheciam aquele livro: A terra dar, a terra quer; falou um pouco sobre o seu autor, Antônio Bispo dos Santos. Questionou se já tinham visto falar em racismo ambiental; disseram que achavam que havia racismo apenas de cor. Então, foi solicitado que em casa, tomassem nota no caderno do que é racismo ambiental, já que todos tinham celular com internet em suas residências.

Foi solicitado também para perguntar, e registrar por escrito, a uma pessoa moradora do seu local (de preferência a um idoso que tem muito mais informações) sobre a origem do seu lugar, ou seja, por que o lugar recebeu determinado nome? Havia outro nome anteriormente? Por fim, a pesquisadora disponibilizou seu número do Whatsapp para que pudessem enviar as fotos com a legenda.

Assim, a falta de oportunidades gerou e tem gerado uma imigração para várias regiões do país, em busca de melhores condições de vida. Dentro dessa realidade, é possível perceber por meio de relatos e experiências estudantis, que vivem em comunidades rurais, que a mudança de sede escolar provocou um grande muro entre aqueles que são da zona urbana e do campo. Isso nos leva a entender que a falta de conhecimento e contato com outras culturas e realidades faz com que ocorra uma visão estereotipada e limitada sobre outros indivíduos.

É mister compreender o histórico local do sujeito, isso contribui para sua formação comunitária desde a maneira de se comunicar, destacando-se a fala seguido de uma influência diversificada do local.

De acordo com Graciliano Ramos (2021), a desumanização imposta por aqueles que desconhecem a realidade do povo da zona rural alimenta um preconceito estrutural que os coloca como inferiores ou até mesmo invisíveis. Ainda assim, essas comunidades resistem com dignidade às adversidades provocadas pela marginalização histórica e pela exclusão social. Nesse contexto, o estudo sobre a valorização regional torna-se essencial, uma vez que a cultura e a identidade local expressam os regionalismos geográficos e devem ser reconhecidas e preservadas.

Desse modo, partir do projeto para um estudo mais aprofundado é importante, pois entendemos que é preciso valorizar e respeitar as diferenças culturais e regionais, reconhecendo que cada lugar tem sua própria identidade e particularidade. Santos (2015) enfatiza que é papel da escola contribuir para o estabelecimento de laços de afetividade e sentimentos de pertencimento. Por esse motivo a escola ao promover esses espaços de vivências e construções de saberes, cumpre seu papel na reafirmação da cultura, da inclusão e ao combate a tais preconceitos.

A partir desses estudos e pesquisas, compreende-se que a zona agrícola carrega consigo costumes e tradições importantes para a identidade cultural de uma determinada região, sendo um repositório valioso da cultura popular. Contudo, por sofrerem com o preconceito regional, muitos migram para a cidade em busca de oportunidades de emprego, fuga da pobreza, acesso a serviços de educação e saúde.

Com base na pesquisa oral e de campo, foi possível notar que boa parte dos moradores locais se identificaram como vítimas desse estereótipo. Ao abordar o preconceito e a desvalorização enfrentados por essas comunidades, a pesquisa destaca a importância do reconhecimento histórico e social que sustenta a formação da identidade local. Assim, evidencia-se a luta por respeito e dignidade, que vai além da busca por privilégios, enfatizando a resistência e a riqueza cultural dos habitantes da “roça”, já que as áreas rurais são responsáveis pela produção de uma grande parte dos alimentos consumidos pelas grandes cidades, que são fontes de recursos naturais, oferecem espaços naturais para lazer e atividades ao ar livre, cria oportunidade de trabalho, preservam tradições, saberes e práticas culturais que enriquecem a diversidade cultural.

Nestas aulas foi possível conhecer a diversidade da turma. Logo, foi produzido

um mapa contendo a localização da turma no município de Andaraí-BA. Foi exibido na TV a pasta com as fotos de cada um. Logo após, uma foto escolhida e a turma descrevendo os elementos da fotografia. Levando-os a perceberem a riqueza/a beleza do seu lugar que passa despercebida no cotidiano. Foi um momento muito prazeroso, ao contrário da aula anterior, havia muita memória, pertencimento em suas falas. E foram fazendo uma relação dos elementos, por exemplo, de uma cerca de varas para fechar um quintal.

Figura 25: Mapa de localização dos alunos da turma



Ao ser entregue as pesquisas sobre o seu lugar, a professora foi lendo rapidamente de onde se tratava cada um: Rio Utinga, Santa Luzia das Gamelas, Nova Vista, Mocambo, Salobrinho, Praião, Itaguaçu VII com seus vários Setores, Bate Tambor, Lagoa da Piranha, Santa Rosa e São Jorge.

Fonte: Acervo da pesquisa 2025.

A professora questionou: Por que não foi necessário construir um muro? Responderam: “porque na roça não precisa de muro, todo mundo se conhece.”

E se fosse na cidade, poderia /seria adequado esta cerca? Responderam: “não, porque na cidade a gente precisa se proteger dos bandidos com muros altos, ninguém se conhece, existe bala perdida, etc.” Dessa forma, perceberam as vantagens desta simplicidade da zona rural. Desta vez, pediram para que fosse enviado no grupo o livro apresentado: A terra dá, a terra quer, de Antônio Bispo dos Santos, pois gostaram do poema lido anteriormente.

O outro momento teve como objetivo: compartilhar os saberes acerca do seu

lugar. Nesta aula, a turma foi organizada em círculo para que todos pudessem falar e serem ouvidos a respeito da sua entrevista. No diálogo cada estudante relatou em forma de diário seu lugar de origem com as informações dos seus familiares mais velhos. Os relatos trazem além de elementos da mudança da paisagem, aspectos dos moradores que retratam a memória dos seus antepassados e origem/ nome do lugar.

Todos ficaram atentos aos depoimentos, aprenderam sobre a origem do seu lugar. Demonstrando por exemplo, quem era da mesma localidade foi complementando as informações do outro sobre a descrição dos lugares e disseram que se não fosse essa atividade, jamais saberiam de como surgiu seu lugar, o porquê do nome, a troca de nomes de alguns pela insatisfação da população, dentre outros. Disseram ainda, que foi uma atividade muito interessante e prazerosa, as pessoas que passaram as informações são idosas e não faziam ideia de que essas pessoas possuem uma bagagem de informações/memórias riquíssimas para os jovens.

Na outra etapa teve como finalidade a leitura e análise de poemas apresentada a biografia do poeta Patativa do Assaré. Após a leitura, foi distribuído, individualmente, o poema O poeta da roça, deste autor. Fizeram a leitura atentamente. Quando terminaram, houve a interpretação oral. Para isso, alguns questionamentos:

1. O poema está na linguagem formal ou informal? Todos responderam a 2ª opção.
2. Cite algumas palavras que comprovem sua resposta. Eles disseram várias, dentre elas, “veve”, “argum”, “sabença”, “chupana” “fio”, etc.
3. Por que o poeta escreveu com essa linguagem? Resposta unânime: porque estudou pouco, por isso não teve oportunidade de aprender a norma culta.
4. Se trocarmos a linguagem informal do poema pela culta, vocês acham que continua a beleza do poema. Resposta da turma: Não, porque tira a simplicidade do poema e é isso que dá beleza ao texto; Não, porque suas palavras demonstram a sinceridade, a autoria do poeta, já que ele falava assim.

Logo após, receberam, o caderno disponibilizado na Olimpíada de Língua Portuguesa – OLP – Poetas da Escola, a fim de que pudessem ler os mais variados poemas fazendo uma análise das linguagens (formal ou informal) em cada texto. Os alunos levaram para casa. Assim, tiveram mais tempo para lerem o material e analisá-lo melhor. A seguir, uma breve análise dos poemas escolhidos para serem apresentados no projeto artístico literário, TAL.

1. FORNADA DE LEMBRANÇAS

O poema (apêndice D) narra a lembrança/memória da família da aluna em relação ao forno de carvão, atividade econômica que sustentou a família durante muitos anos, já que não tiveram outra oportunidade de emprego, pois na época escola era privilégio para poucos. A aluna narra uma fala do seu tio (o qual foi entrevistado demonstrando muito emoção em sua fala ao lembrar do seu pai que já faleceu com quem ele conviveu a maior parte do tempo nessa atividade, quando criança). Ao final, o poema traz uma crítica as grandes indústrias de carvão, podendo ser observada nesta penúltima estrofe:

Porém, lá nas grandes indústrias
O carvão ainda se faz
Derrubam mil árvores por dia
E ninguém corre atrás
A lei que cala o pequeno
Dá ao grande um cartaz!

2. UM PEDAÇO SAUDOSO DA MINHA IDENTIDADE

O poema (apêndice E) retrata os preconceitos - linguístico e social vividos pelos moradores da zona rural quando chegam à cidade, como pode se perceber na última estrofe:

“Pé vermelho”, “do mato”, “da roça...”
São apenas vocábulos preconceituosos
Lembre-se que existe um diamante ao seu redor
Aqui é o nosso ambiente no qual vivemos. ame-o!

Aborda também as dificuldades que precisam enfrentar ao deixarem seu lugar para irem morar na zona urbana. Retrata também a seca e a regeneração da natureza quando a chuva chega no campo.

3. AS RAÍZES DO LEGADO

O poema (apêndice F) é uma bela aula de história: Narra a quem pertencia e como foi dividido um dos assentamentos: Itaguaçu VII (muitos alunos dessa turma são moradores desse assentamento que é dividido em vários setores). Narra também que o ex-presidente da República, Getúlio Vargas, era o antigo dono e que naquela época era uma fazenda, mas depois foi dividida em sesmarias, representados na segunda estrofe:

Getúlio Vargas, o pioneiro,
Dono dessa região
Concedeu ao seu sobrinho
E foi feita a divisão:

Aborda também a luta, resistência dos seus moradores em 1964 – época do Golpe Militar. Traz uma nova perspectiva de hoje em relação à mudança tanto do seu povo quanto do lugar, enaltecendo assim a simplicidade de Nova Vista, Rio Utinga, Gamelas e Itaguaçu.

4. SUSSURROS DO MEU LUGAR

O poema (apêndice G) narra a simplicidade da vida na zona rural, especial ao setor Santa Rosa – lugar das autoras – sua paz e tranquilidade através da riqueza da variedade das cores, dos sons emitidos pela natureza, do cheiro da fauna e da flora, representados na segunda estrofe do poema:

Ah, e quando está chovendo
Sinto cheiro da terra molhada
Então a vaca dá leite
Pra fazer doce e coalhada.
Já os vagalumes brilham
Como ouro na escuridão.
Vêm o silêncio e a tranquilidade
Que acalmam o coração.

5. NAQUELE TEMPO

O poema (apêndice H) traz a lembrança do eu lírico quando criança ajudando a sua mãe nos afazeres domésticos como lavar as roupas no rio. Mesmo assim, ainda sobrava tempo para brincar de casinha e espiga de milho com sua irmã. O texto traz também uma crítica em relação aos dias atuais, onde essas brincadeiras foram esquecidas devido à tecnologia, como pode se verificar na última estrofe, a seguir:

Agora, as brincadeiras
Foram trocadas por telinhas
Que saudade daquele tempo
Da humildade que tinha
Voltávamos felizes da roça
Quando era tardezinha.

Na etapa da construção de maquete o objetivo foi construir uma maquete que representasse o pertencimento da turma. Um aluno então explicava o porquê aquela foto lhe representava. Após cada um explicar, a turma sugeriu uma para representar o projeto Educação Patrimonial Artística – EPA. Escolheram representar em forma de maquete a casa de taipa (figura 26), uma homenagem ao avô de um dos alunos, que viveu muitos anos com seus avós em uma casa de taipa, herança do bisavô, a qual aparece em ruínas na foto tirada pelo aluno. Além disso, é o símbolo da zona rural uma vez que este tipo de moradia era predominante nas décadas passadas.

A professora então perguntou se alguém ali tinha a habilidade para transformar essa ideia em uma maquete. O aluno respondeu: “Eu vou tentar fazer com meu colega, professora, mas precisamos do apoio de todos os colegas.” A turma indagou: Quais materiais vocês vão precisar? Eles responderam: “palha de licuri para fazer o telhado, barro para bater nas paredes, pedaços de bambu para fazer a estrutura e palitos de picolé para fazer as portas e a cerca.”

Figura 26: Casa em ruínas que inspirou a turma na construção da maquete



Fonte: Soares, 2025

Então, a líder da sala teve a ideia de fazer uma “vaquinha”, para arrecadar o dinheiro dos palitos de picolé. A grande maioria contribuiu. E a terra, quem traria? Precisava ser vermelha para representar a terra onde fica a casa em ruínas. 2 colegas que moram nesse tipo de terra, se prontificaram trazer no próximo dia. No outro dia,

mesmo não tendo o encontro (as quais aconteceram a cada 7 dias) chegou o material. Foram 2 sacolas de terra vermelha como sangue; uma palha inteira de licuri; 2 pacotes de palitos de picolé. Em seguida, foram providenciando montar a estrutura (figura 27).

Então, foram para uma área perto das fruteiras onde o chão é coberto pela grama. E assim ficaram intercalando por alguns dias, entre o intervalo do meio-dia, de alguns minutos que sobrassem de alguma aula, até chegar o dia da minha aula para concluir – bater o barro nas paredes, cobrir a haste (isopor), enquanto alguns olhavam orgulhosos a obra de arte que estava surgindo das mãos de duas pessoas que ninguém imaginava que tinham tanta habilidade.

Figura 27: Construção da maquete (casa de taipa)



Fonte: Carvalho, 2025

A maquete foi concluída no encontro seguinte. O próximo passo do dia foi forrar o álbum, confeccionar sua capa e selecionar as fotos que seriam anexadas. Essa foi uma das atividades mais delicadas, pois exigia muita atenção para que tudo desse certo. Enquanto uma dupla estava na produção do projeto, um trio estava organizando o álbum do projeto artístico Educação Patrimonial Artística – EPA (figura 28).

Figura 28: Projeto para o EPA, intitulado “Meu lugar, meu orgulho”



Fonte: Vales e Teles, 2025

A apresentação dos projetos Artísticos Literários do CETI Edgar Silva foi só emoção!! Quando os visitantes chegaram, principalmente as pessoas da zona rural, familiares dos alunos dessa turma, como também de comunidades mais próximas vieram prestigiar esse momento de cultura, de arte que acontece todo ano na nossa escola (figura 29). Quantos olhos lacrimejados das pessoas ao rememorar sua história de vida através da maquete e dos poemas apresentados pelas nossas alunas. A turma apresentando com tanta propriedade no assunto, tanta emoção que o coração parece que não cabia no peito. Até os jurados, que tentavam disfarçar, controlar suas emoções, não conseguiam ao ouvir aqueles depoimentos tão sinceros dos estudantes.

Figura 29: Visitação da comunidade rural à exposição



Fonte: Teles, 2025

E o resultado foi mais do que digno: A turma ficou em primeiro lugar no EPA. Valeu muito a pena todo esforço, dedicação, resiliência desses estudantes. É muito gratificante ver tanto aprendizado desses alunos, o reconhecimento de todos que agora enxergam essa sala com outros olhares (figura 30)

Figura 30: Resultado final do EPA



Fonte: Silva, 2025

E as meninas dos poemas? Deram um show de interpretação. Uma aluna que nos anos anteriores tinha problema sério de ansiedade, por isso quase não frequentava, muitas vezes ia às pressas ao hospital, autora do poema que fala sobre o forno de carvão, deu uma verdadeira aula para os visitantes (professores da rede estadual e municipal, demais funcionários, comunidade em geral) acerca das palavras próprias do jargão dessa atividade econômica; quais os passos para se produzir o carvão, as consequências de quem trabalha nisso, etc. diante da sua singela maquete que representava o forno. Quanto ao poema, ela também apresentou muito bem, venceu o medo de não conseguir.

Vale ressaltar que a divulgação desta pesquisa à comunidade escolar ocorreu tanto para o meio científico através da Feira de Ciências, Empreendedorismo e Inovação da Bahia – FECIBA (figuras 30, 31, 32 e 33) quanto integrando a parte literária, artística e cultural com a Educação Patrimonial Artística – EPA (busca resgatar e celebrar o patrimônio cultural local, através de atividades artísticas, estimulando a consciência e o orgulho das raízes culturais entre os alunos) e o Tempo

de Arte Literária – TAL (busca fomentar a leitura e a escrita criativa valorizando as manifestações culturais regionais estimulando o protagonismo juvenil).

Figura 31: FECIBA, 2024.



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2024

Figura 32: FECIBA, 2025



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2025

Ambas as turmas de 2024 e 2025 participaram desses eventos a partir dessa pesquisa. Os projetos de pesquisa tiveram os seguintes títulos: “Preconceito linguístico e o entrelaçamento do linguajar regional entre gerações” (2024) e “Do campo à cidade: Conectando saberes e valorizando a zona rural” (2025). Tanto na 12ª quanto na 13ª FECIBA, os projetos foram selecionados a participarem da etapa estadual.

Figura 33: Encontro Estudantil-Etapa Estadual/2025



Entrevista e Live à Agência de Notícias 4TVConexão (Ao vivo). Arena Fonte Nova. Com uma programação focada no protagonismo estudantil e troca de experiências, o Encontro Estudantil 2025 aconteceu entre os dias 9 e 11 de dezembro, na Arena Fonte Nova, em Salvador. O evento reuniu estudantes de toda a Bahia, apresentando os seus projetos nas áreas de artes, música, ciência e tecnologias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações sociais que atravessam o campo extrapolam os aspectos socioeconômicos e repercutem também nas dimensões simbólicas, identitárias e linguísticas. A pesquisa desenvolvida demonstrou que o preconceito linguístico, social e territorial ainda constitui um desafio para estudantes de escolas do campo, afetando a forma como percebem a própria história, o próprio repertório vocabular e o lugar de onde vêm. Nesse contexto, o trabalho teve como objetivo elaborar estratégias de preservação da memória e do repertório linguístico desses estudantes, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural e para o enfrentamento dos preconceitos sociais e lexicais que os atravessam.

Ao dialogarmos com autores como Marcos Bagno (2006), Antônio Bispo (2023) e Ecléa Bosi (2023), foi possível compreender que a palavra — oral ou escrita — é também território de resistência, lugar de memória e afirmação. A partir desse referencial, duas turmas de estudantes realizaram entrevistas com idosos de suas comunidades e produziram cordéis e poemas inspirados nas histórias de vida narradas, nas marcas linguísticas e nas vivências que compõem o imaginário local. As oficinas de leitura, análise de textos, estudo de estrutura e produção literária possibilitaram que os estudantes reconhecessem a riqueza de suas próprias formas de falar e de suas heranças culturais, fortalecendo a consciência identitária e o sentimento de pertencimento.

Os resultados apontam que a maioria dos entrevistados foi composta por mulheres, cujas memórias revelaram saberes diversos, modos de vida e repertórios linguísticos que frequentemente permanecem invisibilizados. Ao transformar essas narrativas em produções literárias, os estudantes ampliaram seu vocabulário, ressignificaram suas percepções acerca do lugar e da própria identidade, reafirmando o valor cultural de suas comunidades. Quanto ao produto educacional, o e-book que reúne cordéis, poemas e fotografias dos territórios, sintetiza esse processo, relevando que a memória, o lugar e a linguagem são instrumentos potentes de construção do conhecimento.

Conclui-se, portanto, que as práticas desenvolvidas contribuíram para o enfrentamento do preconceito linguístico e social ao promoverem a valorização das identidades locais e o reconhecimento da legitimidade das variedades linguísticas do campo. A pesquisa evidencia que trabalhar com a história de vida, com a memória e

com a literatura popular amplia o engajamento dos estudantes, reafirma sua autoestima e fortalece sua presença no mundo. Sugerem-se, para estudos futuros, investigações que aprofundem as relações entre linguagem, território e identidade, bem como iniciativas que ampliem o uso de práticas literárias, culturais e colaborativas em contextos educativos do campo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cyntia da Silva. **No meio do caminho tinha uma pedra**: memória, turismo e o místico em Xique-Xique de Igatu, Andaraí-BA. Dissertação de mestrado em Cultura & Turismo, pela Universidade Estadual de Santa Cruz / Universidade Federal da Bahia. 2005.

ARAÚJO, Gracielli Fabres de.; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. **Seção II – Lexicografia, Culturas e Formação CAMINHOS DA GALÍCIA**: o léxico no semiárido baiano. In: SANTOS, C. B.; QUEIROZ, R. C. R.(org.). *As palavras e as culturas: estudos da relação entre léxico e cultura na realidade baiana*. Salvador: Editora. EDUNEB, 2016. (p. 99-117).

ASSARÉ, Patativa do. **Analfabeto**. In: CULTURA GENIAL, [S.I.], 2020. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/patativa-do-assare-poemas/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

ASSARÉ, Patativa do. **O poeta da Roça**. [S.l.: s. n.], [20--?]. Disponível em: www.letras.mus.br. Acesso em: 20 set. 2025.

Assmann, Jan. **Cultural Memory and Early Civilization: Writing, Remembrance, and Political Imagination**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2000..

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico** - o que é, como se faz, 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BARBOSA, Miriam Lúcia. **A importância da variação linguística (Dialeto e registros) no ensino de língua portuguesa**. IV CONAVE- Congresso Nacional de Avaliação em Educação: avaliação e currículo – relações e especificidades. Bauru: 24 a 26 de outubro de 2016.

BARROS, Aidil de Jesus Paes. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. Rio de Janeiro, 1996.

Bezerra, D. B. B. B., & Lebedeff, T. B. (2014). 6. **Velhice, Identidade e Memória**: Diálogos entre Saúde e Cultura a favor da Manutenção de Identidade. *Cadernos Do Tempo Presente*, (13). Disponível em: <https://doi.org/10.33662/ctp.v0i13.2671>. Acesso em 12 de jul. de 2025.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/dd1e2afb-1738-46b0-9dc0-c74a0f5685ea/BEC-71.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2025. , 2023

BRASIL. **Práticas de escrita**: da cultura local à sala de aula. Revista: Na Ponta do Lápis - Olimpíada de Língua Portuguesa, Escrevendo o Futuro. Ano XI – número 26, julho de 2015.

CARDOSO, Caroline Rodrigues. **Pesquisa quantitativa e qualitativa em sociolinguística: dadaísmo metodológico**. Revista: Caderno de Letras da UEFF Dossiê: O lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários. nº 46, p. 143-156, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 13 ed. São Paulo: Global, 2003.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. “**A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**”. In: _____. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-39

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Leandro, o Poeta**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 set. 1976.

ESTANISLAU, Julia. **Sentimento de pertencimento é a necessidade de manter relações estáveis e de moldar o comportamento**. Jornal da USP, 2023. Disponível em: <https://sites.usp.br/psicousp/felicitacoes-pelo-seu-aniversario/>. Acesso em: 06 de jun. de 2025.

FARACO, Carlos Alberto. **Língua e Dialogismo: Política, Cidadania e Educação**. São Paulo: Parábola, 2008.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social: Novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1994.

(FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FUENTES, Patrick. **Racismo ambiental é uma realidade que atinge populações vulnerabilizadas**. Jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/racismo-ambiental-e-uma-realidade-que-atingepopulacoes-vulnerabilizadas/>. Acesso em: 03 de junho de 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HEYL, Barbara Sherman. “**Ethnographic interviewing**”. In: ATKINSON, P.A. et al. (Orgs.). *Handbook of Ethnography*. London: Sage, 2007

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Pollyanna Viana; REIS, Luciana Araújo dos. *Memória de idosos longevos com dependência funcional*. In: **ARAÚJO dos REIS, Luciana (org.)**. *Memória e envelhecimento: lembranças de idosos e familiares cuidadores*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2020. 214 p.

LUZ, Zé da. **Ai se sêsse**. Cordel do Fogo Encantado. Recife: Álbum de estúdio, 2001. Disponível em: <https://descomplica.com.br/gabarito-enem/questoes/2015-segunda-aplicacao/segundo-dia/ai-se-sesse-um-dia-nois-se-gostasse-se-um-dia-noi-se-queresse-se-um-dia-nois-se-empareasse/>. Acesso em: 12 de jul. de 2025

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MERRIAM, S.B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco, CA: Jossey-Bass, 1998..

MOREIRA, Virgínia; NOGUEIRA, Fernanda Nícia Nunes. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 59–79, jan./mar. 2008.

O que é racismo ambiental e de que forma ele impacta populações mais vulneráveis. 16 jan. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/ptbr/fatos/brasil-contrafake/noticias/2024/o-que-e-racismo-ambiental-e-de-que-forma-impacta-populacoes-mais-vulneraveis>. Acesso em: 03 de maio de 2025.

OLIVEIRA, Ezyle Rodrigues de. **Preconceito regional e a negação da nação brasileira.** Café com sociologia. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/preconceito-regional-e-negacao-da-nacao/>. Acesso em: 03 de jun. de 2025.

PRETI, Dino. **A linguagem dos idosos.** São Paulo: Cortez, 1991.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas.** 1. ed. Rio de Janeiro: Cameron, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** 1ª edição. Companhia das Letras, 6 de novembro de 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SABINO, Fernando. **O menino no espelho.** Rio de Janeiro: Record, 1995.

SANCHES-JUSTO, Joana; VASCONCELOS, Mário Sérgio. *Pesquisa em psicologia social com a terceira idade.* **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, v. 9, n. 2, p. 168-171, 2010.

SANTAMARINA, Cristina; MARINAS, José M. **Histórias de vida e história rural.** In: DELGADO, Juan M.; GUTIÉRREZ, Juan (org.). *Métodos e técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales.* Madri: Síntesis, 1995. p. 259-287.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** 4. ed. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 p.

SANTOS, Célia Regina Batista dos. **Estudo do lugar e Escolas Famílias Agrícolas:** valorização do campo como conteúdo educativo e espaço de vivência cotidiana. *Ateliê Geográfico – Goiânia-GO*, v. 9, n. 1, p.104-118, abr/2015.

SIGNIFICADOS. **Pesquisa qualitativa.** Disponível em: <https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>. Acesso em: 07 de jun. de 2025

SILVA, Núbio Vicente da. **As tradições do garimpo:** Representações, mitos imaginários. II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG. Goiânia: 14 a 16 /2000

VIANA, Arievaldo. **O Cordel:** Sua História, Sua Poética, Sua Magia. In: TAVARES, Braulio; VIANA, Arievaldo (org.). *Antologia do Cordel.* São Paulo: Hedra, 2012.

VILMA, Ângela. **Poemas escritos na pedra.** São Paulo: Jotanese Edições, 1994.

APÊNDICE A

Roteiro para entrevista

- 1 – Nome do entrevistado (a)
- 2 - Quando e onde nasceu
- 3 – Como foi a sua infância/juventude?
- 4 – Na sua época, o (a) senhor (a) teve oportunidade de estudar? Conte-me um pouco, por gentileza!
- 5– Quando era criança e ou na sua adolescência, tinha que trabalhar? Se sim, explique-me como foi esse período.
- 6 - Em relação ao abastecimento de água, como se fazia para abastecer a casa?
- 7 – E quando ficava doente, havia médico ou não? Caso não tinha, como fazia para se curar?
- 8 – E quanto ao transporte, qual ou quais a sua família utilizava?
- 9 – Do que mais o(a) senhor(a) sente saudades? E por quê?
- 10 – se tivesse que voltar ao tempo, qual idade escolheria? Por qual motivo?

APÊNDICE B

Lista com as músicas para o Chá Literário

- 1– Música da terceira idade
- 2– A dama de vermelho
- 3 – Tocando em frente (Almir Sater)
- 4– Nossa Senhora (Roberto Carlos)
- 5– Um milhão de amigos (Roberto Carlos)
- 6- Escudo- Louvor
- 7- Entra na minha casa (Régis Danese)
- 8- É preciso saber viver (Titãs)
- 9- Raridade (Anderson Freire)
- 10- Fogão de lenha (Chitãozinho e Xororó)
- 11- Força e Vitória- Louvor
- 12- As antigas de Roberto Carlos
- 13- As antigas de Amado Batista
- 14- As antigas de Zezé di Camargo

APÊNDICE C

Roteiro do Chá Literário

Boa tarde, pessoal! (juntos)

Eu sou Vithória,

Eu sou a Rhaifa,

E eu, Ueliton Matheus. Somos alunos das terceiras séries do CETI Edgar Silva!

Agora iremos chamar os gestores: Juliana, Clésia e Jailton para fala institucional. E a professora Mivânia, a orientadora do Projeto, juntamente com Sandra, coordenadora do grupo Feliz Idade de Andaraí.

Após as falas dos gestores:

Vithória: Sejam todos bem-vindos ao nosso Chá Literário, culminância da nossa pesquisa intitulada TESSITURA DA MEMÓRIA: UMA ABORDAGEM CULTURAL DO LÉXICO DOS IDOSOS DO MUNICÍPIO DE ANDARAÍ-BA. Vale ressaltar, que somos colaboradores e representantes das terceiras séries as quais fazem parte desta pesquisa de mestrado da nossa professora de Língua Portuguesa, Mivânia Oliveira da Silva.

Iniciaremos agora as apresentações dos córdeis (chamar um a um, após cada apresentação com seu idoso convidado).

1. Mivânia
2. Ana Luiza
3. Andressa
4. Ariane
5. Arthur

Rhaifa: Cada povo pode expressar as várias linguagens como forma de comunicação e a evolução social e tecnológica modifica a vida das pessoas bem como a sua linguagem. Assim, grande parte dos jovens não conhecem a história de vida dos seus antepassados tampouco valorizam a linguagem utilizada por essas pessoas, gerando assim um preconceito linguístico. Por isso, o léxico dos idosos precisa ser reconhecido e registrado a fim de manter viva a essência dessa linguagem ancestral a qual faz parte da nossa cultura. O objetivo dessa pesquisa é inventariar as palavras e expressões do léxico dos idosos de Andaraí-Ba, valorizando sua memória e seu

repertório linguístico, os quais fazem parte da identidade cultural local. Neste momento daremos continuidade nas apresentações com novos cordéis.

1. Clara
2. Kauê
3. Gecinaria
4. Luiz Hermano
5. Mávila

Uéliton: "A memória é o lugar onde a gente guarda o que foi vivido." — Carlos Drummond de Andrade. Portanto, a memória é um dos pilares fundamentais da experiência humana, pois é por meio dela que construímos a nossa identidade e compreendemos o mundo à nossa volta. Ela não é apenas um repositório de acontecimentos passados, mas também um processo dinâmico e muitas vezes subjetivo. A memória nos permite reviver momentos, seja de felicidade, dor, aprendizagem ou até de simples rotina. Dessa forma continuaremos as apresentações com nossos cordéis.

1. Romário
2. Róger
3. Sofya
4. Vitória
5. Yara

Vithória: O objetivo principal do projeto é inventariar as palavras e expressões do léxico das pessoas idosas do município de Andaraí-BA, valorizando sua memória, seu repertório de signo linguístico os quais fazem parte da identidade cultural com os alunos das terceiras séries.

1. Beatriz
2. Julia
3. Rayssa
4. Rhaifa

Uéliton: Com apoio das terceiras séries, realizamos entrevistas com pessoas cuja idade foi a partir de 60 anos, nossos avôs e avós, com a finalidade de

contarem um pouco da sua trajetória de vida. A partir desse bate-papo, produzimos os livrinhos de cordéis com um pouco da história de vida de cada entrevistado. A literatura de cordel é reconhecida como Patrimônio Cultural e Imaterial Brasileiro. Ela é muito importante principalmente devido ao seu papel na preservação e transmissão da cultura popular brasileira. Os cordéis são uma forma única de literatura que mistura poesia, narrativa com musicalidade, e possuem grande valor social, histórico e cultural.

Como diz Zé Vicente de Paulo "O cordel é uma poesia que voa no vento, levando consigo as histórias, os sonhos e as dores de um povo."

Agora, quase finalizando, chamaremos outros cordelistas para abrilhantar nosso encontro.

1. Vinícius Bastos
2. Vinícius Barbosa
3. Sérgio

Vithória: Valorizar os idosos, reconhecer não apenas as contribuições passadas, mas também garantir que eles continuem a desempenhar papéis ativos e dignos na sociedade. Isso exige uma mudança cultural que promova o respeito à velhice, com mais acesso a cuidados, oportunidades e dignidade. A valorização dos idosos é, portanto, uma questão de justiça social e humana. De acordo com Platão “devemos aprender durante toda a vida, sem imaginar que a sabedoria vem com a velhice.”

1. Erivana
2. Fabiana
3. Lucca

Rhaifa: Gostaria de finalizar agradecendo imensamente pela oportunidade de compartilhar este momento com todos vocês. Ao longo dessa apresentação, vimos que, embora os desafios sejam uma parte natural da nossa jornada, é com a união e a colaboração que conseguimos transformá-los em grandes conquistas. Cada um de nós tem o potencial de fazer a diferença, e, juntos, somos mais fortes. Que possamos levar para vida inteira as ideias discutidas hoje como inspiração para o futuro e continuar a trabalhar para alcançar nossos objetivos. Muito obrigada!

Chamar a professora Mivânia para encerrar o evento das apresentações e anunciar que vai começar o baile. Logo após as apresentações, iniciar o baile.

Cada neto vai convidar seu avô, sua avó para dançarem juntos.

APÊNDICE D

Fornada de lembranças

Autora: S. A. S.

Se acheque minha gente
Que agora eu vou contar
Sobre a lida do meu tio
Vocês vão se emocionar
Na linguagem de evaldo
Eu começo a narrar.

Foi com lágrimas nos olhos
Que ele então se lembrou
Entre sua casa nova e antiga
A lembrança aflorou
Recordou do meu avô
Este Deus já o levou.

Peço que vocês apreciem
Sua maneira de falar
Por ser um dos filhos mais velhos
Não conseguiu estudar
Então esse poema apresenta
A sua forma de expressar.

“No tempo de antigamente
Se podia trabaiair
Sobre o forno de carvão
Minha história vou contar
Com meu pai ia na mata
Pros quixo no forno botar.

Quando o forno se inchia
A alegria aparicia
No outro dia era aceso
E esperava por oito dia
Nóis corria pra tapar
Quando cada tatu acendia.

Já na madrugada fria
Vigiava sem parar
Brasa em chama traiçoiara
Peça podia assim nos pregar
E com qualquer um ventinho
Em cinzas podia virar.

Logo após essa labuta
A gente ia discansar

Mais antes jogava a barrilha
Pro forno poder esfriar
Esperava mais dois dia
Pro carvão poder tirar.

Finalmente nós vendia
Pra a família alimentar
Com um sorriso no rosto
Continuava a trabaia
Sem aquela preocupação
Da comida não faltar.

Apesar do sofrimento
Hoje em dia sinto saudade
No meu tempo de criança
Reinava a felicidade
A gente vivia com pouco
E sempre na humildade.

Hoje com a modernidade
Muita coisa se acabou
Apagou o que vivi
Acendeu: "vou ficar sozinho aqui"
No lugar da risada e da dança
Um silêncio e a falta de esperança.

A chama de estar juntos
Em cinza se transformou
O meu forno em calor
Trazia o pão, vida e sabor
Hoje é só brasa calada
Ecoando a falta e a dor.

Onde tinha partilha e afeto
Restou apenas solidão
O carvão que um dia esquentou
Hoje é só no coração
Lembranças queimam em silêncio
Ecoa um vazio na imensidão

Com a queda das floresta
O Ibama declarou
"É proibido desmatar"
Lá no peito do cerrado
A memória não calou
Mas para sempre o forno apagou!"

O forno que dava sustento
Que assava o pão do sertão
Virou crime de repente

Virou lei, repressão...
Mas a serra ainda chora
Sob motosserra e ambição.

Nas famílias do interior
A fumaça era a esperança
Era o cheiro do trabalho
Era o sustento da criança.
Hoje, é cinza e abandono
É saudade que não se cansa.

Porém, lá nas grandes indústrias
O carvão ainda se faz
Derrubam mil árvores por dia
E ninguém corre atrás
A lei que cala o pequeno
Dá ao grande um cartaz!

Se é proibido desmatar
Pra que serve a permissão?
Por que o pobre é punido
E o rico tem proteção??
O forno virou silêncio
Mas a hipocrisia, não!!

Vocabulário:

quixo- feixe de lenha

tatu – buracos que ficam localizados na parte inferior do forno

barrilha – barro mole para esfriar o forno

APÊNDICE E

Um pedaço saudoso da minha identidade
Autora: L.S.

Ah! Como é puro o ar da roça
Quando o vento passa, ele nos beija
Tão gentil que pede licença
Vida na roça é assim...

No verão o calor invade
E a seca consome as folhas
Fica uma sequeidão só
Até os passarinhos choram nessa hora.

Mas logo vem o mês de janeiro
Que traz a chuva no chuveiro
E tudo enverdece com o canto do “São José”
Até o “Sofrê” ri de tanta felicidade!

Ah! Como eu amo este lugar!
As pequenas coisas que aqui há
Onde as formigas nos ensinam
A ter coragem para trabalhar.

Já o sol daqui é mais sadio
Quando acordamos, ele está lá
Com um sorriso estampado no rosto
A nos chamar para lutar.

E a beleza da terra vermelha?
Que só existe neste lugar
É como uma mulher fértil
Que sempre produz sem cessar.

Ah, meu Senhor!
Que eu possa dar o valor
Enquanto aqui eu viver
Pois algum dia chorarei mares...

Com meus pais desempregados
Tivemos que nos mudar
Doze anos faz que aqui na metrópole viemos habitar
Mas a zona urbana não habita em mim.

Ai! A vida na cidade é muito ruim!
O barulho não deixa o silêncio reinar
E a poluição sonora? Nos agride sem tocar!
E o famoso efeito estufa a aumentar.

Sem contar no aquecimento global
Que não permite a gente esfriar
Toda hora libera CO2 (dióxido de carbono)
Que futuro iremos deixar?

Um conselho eu lhe dou:
Dê mais valor ao que tu és
Orgulho é poder ser da roça
Ter privilégios que muitos não têm!

Se te chamarem de “pé vermelho”
E daí?
É essa terra que alimenta a cidade
Esse lugar que nosso pé pisa tem significados

“Pé vermelho”, “do mato”, “da roça...”
São apenas vocábulos preconceituosos
Lembre-se que existe um diamante ao seu redor
Aqui é o nosso ambiente no qual vivemos. ame-o!!!

APÊNDICE F

As raízes do legado
Autoras: L.A. e L.F.

Nesse lugar exuberante
Uma sesmaria se formou
Com roças e moradias
Uma história que marcou.

Getúlio Vargas, o pioneiro,
Dono dessa região
Concedeu ao seu sobrinho
E foi feita a divisão:

Três fazendeiros ricos
Com visão e muito poder
Compraram na mão de “Domingo”
E começaram a vender.

Mil novecentos e sessenta e quatro
Houve o Golpe Militar
Que modificou o país
E aos que queriam lutar.

Várias famílias foram expulsas
Com grande tristeza ficaram
Mas hoje elas têm orgulho
Do legado que deixaram.

Com o tempo, a região cresceu
Novas histórias se formaram
De luta e de resistência
Das pessoas que aqui passaram.

Mas a memória permanece
Ecoa ainda hoje em dia
Legado que nos enriquece
E nos enche de alegria!

Em Nova Vista, um novo olhar!
Itaguaçu, um nome a se destacar!
Gamelas, suas terras avermelhadas!
Rio Utinga, com suas águas adocicadas!

Assim esse enredo ensina
A valorizar o passado
Pois faz parte do que somos
Porque é o nosso legado.

APÊNDICE G

Sussurros do meu lugar
Autoras: E.S. e I. M. J. S.

Na minha terra tem coqueiro,
Cajueiro e pé de cajá
É um lugar tão fértil!
Tudo que se planta dá.
Aqui, não reina a tristeza
Aqui, você pode sonhar...
E acordar bem cedinho
Pra ouvir o galo cantar.

Ah, e quando está chovendo
Sinto cheiro da terra molhada
Então a vaca dá leite
Pra fazer doce e coalhada.
Já os vagalumes brilham
Como ouro na escuridão.
Vêm o silêncio e a tranquilidade
Que acalmam o coração.

De manhã o sol desponta
E começa a raiar
Com aquele cafezinho
Que ajuda a despertar.
E o canto do passarinho?
Não podemos esquecer!
É o melhor som para ouvir
Assim que amanhecer!

Quem vive na zona rural
Reconhece o valor
De um belo pôr do sol
Que nos enche de amor!
Simplicidade igual nunca vi
Nesse lugar permaneço
Não pretendo sair daqui.

APÊNDICE H

Naquele tempo

Autora: L.A.

Desde muito pequenina
Que aprendi a me virar
la pro rio com minha mãe
Para as nossas roupas lavar
Junto com a minha irmã
Pois era difícil nos separar

Apesar de toda labuta
Tínhamos tempo para brincar
De casinha, de espiga de milho
A imaginação sempre a reinar
Mas as crianças de hoje em dia
Só vivem no celular.

Agora, as brincadeiras
Foram trocadas por telinhas
Que saudade daquele tempo
Da humildade que tinha
Voltávamos felizes da roça
Quando era tardezinha.